

INSTITUTO
imolé
FORÇA DA NATUREZA

INSTITUTO
CURUMINS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Autor: **Pedro Ortale (Org.) e Belchior Cabral (Org.)**

Título: **Coletânea de Textos Premiados na
I Bienal Pantanal de Mato Grosso do Sul**

Edição: **1ª edição**

Local de Publicação: **Campo Grande, MS**

Editora: **Imolé**

Ano de Publicação: **2026**

Descrição Física: **152 páginas, 21x14 cm**

Série: **Coletânea**

ISBN: **978-65-978895-0-1**

Assuntos:

1. Literatura brasileira I. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Coletânea : Literatura brasileira

CDU: **26-331796.0**

CDD: **B869.98**

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

I Bienal do Livro
de Mato Grosso
do Sul

COLETÂNEA
DE TEXTOS
PREMIADOS

INSTITUTO
imolé
FORÇA DA NATUREZA

INSTITUTO
CURUMINS

Revelar que eu vim da fronteira onde
o Brasil foi Paraguai

Paulo Simões,
em *Sonhos Guaranis*.

Sumário

Apresentação	12
Agradecimentos	15

Contos do Ensino Fundamental **16**

Giovana Rosa Mendonça, com “O Caderno Azul Esquecido”.	18
Larissa Monteiro da Silva, com “O Sussurro da Ponte”.	24
Daniel Pereira dos Santos, com “Tupã: O Índio de Fé no Pantanal”.	28
Ana Keslem Victoria Gonçalves do Nascimento, com “O Segredo do Pequeno Riacho”.	33
Grasiela Fernanda da Silva Campigotto, com “A Onça e o Menino do Pantanal”.	35

Contos do Ensino Médio **38**

Sérgio Sama Oliveira Penteadado, com “Cenário”.	40
Álvaro Ferreira de Oliveira Maia, com “Torturado de Gaza”.	43
Luanna Beatriz de Camargo Silva, com “Jornal”.	49
Isabella Zotareli Fernandes, com “Memórias de Pedra”.	51
Maria Eduarda Cordeiro Borges de Araujo, com “Memórias de Victoria”.	53

Crônicas do Ensino Fundamental 58

Flávia Alexandra Ramos de Souza,
com “O Pantanal pelos olhos de um tuiuiú”. 60

Rafaela Aguiar Aguirre Costa,
com “A Rainha da Casa”. 62

Yasmim Teixeira de Souza,
com “Quando o Vento Passa”. 64

Carlos Henrique Soares Ferreira,
com “Um Dia Sul-Mato-Grossense”. 66

José Henrique Rodrigues da Silva,
com “O Silêncio Pantaneiro”. 68

Crônicas do Ensino Médio 70

Ana Laura Peres Jerônimo,
com “Talvez Eu Me Invente”. 72

Luiz Henrique Soares da Silva,
com “O Pantanal E O Que É Para Mim”. 76

Isadora Ramos da Silva,
com “Relógio da Esquina”. 79

Pedro Ribeiro Santos,
com “Dinheiro Perdido”. 81

Victoria Mei Ohira Kohatsu,
com “Ciclo da Vida”. 83

Poesias do Ensino Fundamental 86

Estefany Cristina Costa Vitória,
com “Coração do Pantanal”. 88

Murilo Anderson de Oliveira,
com “O Quintal Multiverso”. 90

Eduardo de Carvalho Guimarães, com “Ao Inverso”.	91
Isac Lopes da Cruz, com “Ela Foi eu Fiquei”.	93
Graziely Gomes Neves, com “Meu Jardim”.	97

Poesias do Ensino Médio **100**

Júlia Vieira Oliveira Amorins, com “Eu Tenho Raiva”.	102
Gabriel Andrade da Silva, com “Mundo Real”.	105
Denyel Nicolas dos Santos Rodrigues, com “Existência/Fragmentada”.	107
Sérgio Sama Oliveira Penteado, com “Sangra”.	109
João Bento Corrêa da Silva, com “Afrodynamicamente Modificado”	111

HQ do Ensino Fundamental **114**

Justine Loubet de Barros com “Boi Bombeiro”.	116
João Carlos dos Santos Carvalho com “Raoni do Pantanal”	118
Ana Júlia de Oliveira Silva com “Setembro Amarelo”	121
Felipe Douglas Silveiro Ernesto com “Osaka, o Caminho Trilhado”	123
Andreina Marques Aciole com “Os Heróis do Fogo”	127

HQ do Ensino Médio	134
Rafaeli Santana Amorim com “Como um Ser Humano”	136
Isabelly Santos Ferreira com “A Conquista Corações”	140
Luiz Antônio Bezerra com “Cambará”	143
Ana Beatriz Duarte dos Santos com “Insônia”	147
Julia Letícia Amorim Muniz com “Entre Sapos e Mistérios”	151

Apresentação

O barulho criativo da imaginação está impresso na “Coletânea de Textos Premiados”. Este livro é um gesto de celebração e de confiança: confiança na palavra jovem, no direito de escrever e na convicção de que a literatura é movida pela ousadia de narrar o mundo com sua própria voz. Por isso, essa publicação é mais do que uma reunião de textos: ela é um ato de confiança, um lugar onde a juventude encontra espaço para existir, pensar e criar com liberdade.

“Coletânea de Textos Premiados” reúne os textos vencedores e selecionados do Concurso Literário para Estudantes da Rede Pública de Mato Grosso do Sul, realizado pela “Bienal Pantanal – I Bienal do Livro de MS”, em 2025. Portanto, essa obra é mais do que uma antologia. É um registro literário de alunos de 12 municípios sul-mato-grossenses, que capta o olhar e a sensibilidade de uma geração em formação, compondo um mosaico plural de territórios e experiências.

O concurso teve as categorias Crônica, Conto, Poesia e História em Quadrinhos e as obras foram selecionadas por uma comissão que deparou-se com textos íntimos, delicados, contundentes e autênticos. Mais do que identificar vencedores, a ação da “Bienal Pantanal” conseguiu peneirar talentos criativos para a literatura em processo de amadurecimento e oferecer, com este livro, a rara experiência da publicação.

No Brasil contemporâneo, é urgente o incentivo à leitura e a produção literária entre os mais jovens, especialmente em tempos de ampla oferta de telas, distrações e rotinas aceleradas. Estudos apontam que grupos jovens participam de forma significati-

va no consumo de literatura no país. Mesmo com os índices gerais de leitura enfrentando enormes obstáculos, é preciso apostar no potencial da juventude brasileira como produtora e consumidora da literatura brasileira.

Ao homenagear, em sua primeira edição, o poeta Manoel de Barros, a Bienal reafirmou uma literatura do detalhe, do olhar atento e da invenção da linguagem. Quem sabe, entre estes textos, não esteja germinando um novo Manoel de Barros — ou muitos. Porque o talento, antes de ser consagrado, precisa ser descoberto, acolhido e incentivado. A “Coletânea de Textos Premiados” não é apenas um livro, é um ponto de partida.

Rodrigo Teixeira
Jornalista e músico
Campo Grande (MS)
12 de Janeiro em 2026

Agradecimentos

Ana Nardes
Bruno Wendling
Camila Ítavo
Camila Jara
Carlos Heitor
Eduardo Mendes
Eduardo Riedel
Édio Viegas
Fabiany Coelho Fortes
Geraldo Resende
Gleice Jane
Laércio Alves de Carvalho
Luciana Azambuja
Madalena Rodrigues
Mara Caseiro
Marcelo Miranda
Maria Alice
Melly Fatima Goes Sena
Pedro Kemp
Renato Câmara
Silvano Luiz Rech
Soraia Ferreira
Vander Loubet
Zeca do PT

**CONTOS
DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

PRIMEIRO LUGAR

Giovana Rosa Mendonça,
com “*O Caderno Azul Esquecido*”.

SEGUNDO LUGAR

Larissa Monteiro da Silva,
com “*O Sussurro da Ponte*”.

TERCEIRO LUGAR

Daniel Pereira dos Santos,
com “*Tupã: O Índio de Fé no Pantanal*”.

QUARTO LUGAR

Ana Keslem Victoria Gonçalves do Nascimento,
com “*O Segredo do Pequeno Riacho*”.

QUINTO LUGAR

Grasiela Fernanda da Silva Campigotto,
com “*A Onça e o Menino do Pantanal*”.

Giovana Rosa Mendonça, com “O Caderno Azul Esquecido”.

Era uma manhã ensolarada em Itaquiraí, Mato Grosso do Sul. O vento soprava leve sobre as árvores do Assentamento Santo Antônio, e o som dos passarinhos parecia anunciar que seria um dia especial. Na Escola Estadual Professora Tertulina Martins de Oliveira, os alunos do 8º e 9º ano chegavam aos poucos, conversando sobre a rotina, sobre os jogos no pátio e, principalmente, sobre a Bienal do Pantanal, que se aproximava.

Esse evento era esperado por todos, pois reuniria literatura, cultura e a beleza natural do estado. Para muitos estudantes, seria a primeira vez participando de algo tão importante, e a ansiedade misturava-se ao entusiasmo.

Enquanto ajudava a professora a organizar os livros da biblioteca, Ana encontrou algo inesperado: um caderno azul, de capa já gasta, esquecido entre as prateleiras. Parecia um dos cadernos de registros que os professores usavam, mas este tinha algo diferente. Ao abri-lo, ela percebeu que nas primeiras páginas havia anotações detalhadas, descrições e até pequenos desenhos.

— Olha só o que eu achei! — disse Ana, erguendo o caderno para mostrar aos colegas.

— É igual aos que os professores usam. Será que pertenceu a alguém daqui? — perguntou João, curioso, aproximando-se.

— Vamos ler! — completou Mariana, animada.

As páginas revelavam descrições do Pantanal, sua fauna, flora e histórias de pessoas que viviam em harmonia com a natureza. Havia relatos sobre as onças à beira dos rios, sobre os botos cor-de-rosa que encantavam os pescadores, e até sobre os ipês-amarelos que floresciam, pintando a paisagem como um quadro.

Cada palavra parecia carregar a força da cultura e da memória. Os alunos se encantaram. Não era apenas um caderno; era um tesouro escondido dentro da escola.

— Parece que quem escreveu isso queria que a gente lembrasse da importância do Pantanal. — comentou Ana.

— E se a gente usasse esse caderno como inspiração para apresentar algo na Bienal? — sugeriu João, com brilho nos olhos.

A turma inteira se reuniu. Sentaram em círculo, cada um lendo um pedaço, dando ideias, sugerindo frases e lembrando histórias contadas pelos pais e avós. Alguns lembraram das pescarias, outros falaram das trilhas, outros das festas tradicionais da região. Aos poucos, aquele simples caderno azul se transformava em um ponto de partida para um conto coletivo, feito por todos.

No dia da apresentação, o nervosismo era grande. As mãos suavam, os corações batiam rápido, mas havia também um orgulho imenso. Diante dos professores, colegas e visitantes, os alunos contaram a história do caderno azul esquecido. Eles mostraram como a literatura pode nascer em qualquer lugar — até mesmo em uma escola simples, no interior, entre livros antigos e sonhos novos.

A plateia ouviu atentamente, emocionada. Ao final, os aplausos foram tão fortes que ecoaram pelo pátio. Alguns professores até se comoveram, lembrando dos tempos em que também sonhavam com a escrita.

Ana sorriu, abraçando o caderno, e disse baixinho:

— Esse caderno não está mais esquecido. Ele agora faz parte da nossa história.

E assim, aquele caderno azul deixou de ser apenas um objeto esquecido em uma prateleira empoeirada e passou a simbolizar a união, a identidade e o orgulho da comunidade de Itaquiraí, que carrega no coração a grandeza do Pantanal.

Larissa Monteiro da Silva, com “O Sussurro da Ponte”.

A cidade dormia sob um céu encoberto. A neblina rastejava pelas ruas de pedra, abraçando lampiões enferrujados e telhados úmidos. No coração daquele lugar esquecido, havia uma ponte antiga, de madeira, que cortava o rio como uma cicatriz. Os moradores diziam que, à meia-noite, a ponte sussurrava.

Lara nunca acreditou em histórias. Tinha vinte e dois anos, estudava História e carregava cadernos pesados com anotações sobre reis, guerras e cidades que já não existiam. Mas naquela noite, vencida pela curiosidade, caminhou até a ponte.

Os passos ecoaram sobre a madeira úmida. O vento parecia trazer vozes, leves demais para serem entendidas. Ela parou no meio, segurando o corrimão gasto. O rio corria com pressa, levando folhas secas e reflexos da lua.

— É só imaginação — murmurou para si mesma.

Mas então ouviu. Não era vento. Era uma voz frágil, quase infantil. — Por que demorou tanto?

Lara se arrepiou. Procurou ao redor, porém estava sozinha. A voz, no entanto, vinha do chão da ponte, das tábuas escuras.

— Quem está aí? — perguntou, a voz trêmula.

— Eu. Aquele que nunca atravessou.

O coração dela disparou. Lembrou-se de um conto que sua avó dizia: na guerra civil, décadas atrás, um rapaz foi morto antes de chegar ao outro lado da ponte. Desde então, sua alma vagava ali, presa ao instante inacabado.

Lara tentou recuar, mas os pés estavam pesados. O ar parecia mais denso.

— Se me ouvir, eu descanso — disse a voz. — Preciso que alguém conte a minha história.

Histórias eram o que Lara mais amava. A razão pela qual estudava, pesquisava, sonhava. Respirou fundo e respondeu:

— Então me conte.

E o sussurro começou. Falou de um jovem chamado Elias, filho de um marceneiro. Falou do amor que sentia por uma moça chamada Clara, de olhos claros como o rio. Contou do dia em que decidiu fugir com ela, atravessando a ponte para recomeçar a vida. Mas soldados o alcançaram antes de chegar ao outro lado. Clara correu e nunca mais voltou. Elias caiu ali, o coração partido entre a esperança e a morte.

Lara ouvia em silêncio. Cada palavra parecia gravar-se em sua mente como ferro em brasa. Quando a voz terminou, a ponte pareceu suspirar.

— Agora você sabe. Agora posso atravessar.

E houve silêncio. O vento cessou. O rio ficou calmo.

Lara respirou fundo e percebeu que podia se mover novamente. As pernas tremiam, mas conseguiu atravessar até o outro lado. Quando olhou para trás, a ponte parecia diferente: menos pesada, como se tivesse se libertado de um peso antigo.

Dias depois, Lara escreveu a história em seu caderno. Um conto chamado O rapaz da ponte. Leu em voz alta para os colegas, e muitos se emocionaram. Ninguém sabia que, enquanto escrevia, sentia uma presença suave ao seu lado, como um agradecimento silencioso.

E naquela cidade esquecida, sob a neblina, a ponte nunca mais sussurrou.

Larissa Monteiro da Silva, com “O Sussurro da Ponte”.

A cidade dormia sob um céu encoberto. A neblina rastejava pelas ruas de pedra, abraçando lampiões enferrujados e telhados úmidos. No coração daquele lugar esquecido, havia uma ponte antiga, de madeira, que cortava o rio como uma cicatriz. Os moradores diziam que, à meia-noite, a ponte sussurrava.

Lara nunca acreditou em histórias. Tinha vinte e dois anos, estudava História e carregava cadernos pesados com anotações sobre reis, guerras e cidades que já não existiam. Mas naquela noite, vencida pela curiosidade, caminhou até a ponte.

Os passos ecoaram sobre a madeira úmida. O vento parecia trazer vozes, leves demais para serem entendidas. Ela parou no meio, segurando o corrimão gasto. O rio corria com pressa, levando folhas secas e reflexos da lua.

— É só imaginação — murmurou para si mesma.

Mas então ouviu. Não era vento. Era uma voz, frágil, quase infantil.

— Por que demorou tanto?

Lara se arrepiou. Procurou ao redor, mas estava sozinha. A voz, no entanto, vinha do chão da ponte, das tábuas escuras.

— Quem está aí? — perguntou, a voz trêmula.

— Eu. Aquele que nunca atravessou.

O coração dela disparou. Lembrou-se de um conto que sua avó dizia: na guerra civil, décadas atrás, um rapaz fora morto antes de chegar ao outro lado da ponte.

Desde então, sua alma vagava ali, presa ao instante inacabado. Lara tentou recuar, mas os pés estavam pesados. O ar parecia mais denso.

— Se me ouvir, eu descanso — disse a voz.

— Preciso que alguém conte a minha história.

Histórias eram o que Lara mais amava. A razão pela qual estudava, pesquisava, sonhava. Respirou fundo e respondeu:

— Então me conte.

E o sussurro começou. Falou de um jovem chamado Elias, filho de um marceneiro. Falou do amor que ele sentia por uma moça chamada Clara, de olhos claros como o rio. Contou do dia em que decidiu fugir com ela, atravessando a ponte para recomeçar a vida. Mas soldados o alcançaram antes de chegar ao outro lado.

Clara correu e nunca mais voltou. Elias caiu ali, o coração partido entre a esperança e a morte. Lara ouvia em silêncio. Cada palavra parecia gravar-se em sua mente como ferro em brasa. Quando a voz terminou, a ponte pareceu suspirar.

— Agora você sabe. Agora posso atravessar.

E houve silêncio. O vento cessou. O rio ficou calmo.

Lara respirou fundo e percebeu que podia se mover novamente. As pernas tremiam, mas conseguiu atravessar até o outro lado. Quando olhou para trás, a ponte parecia diferente: menos pesada, como se tivesse se libertado de um peso antigo.

Dias depois, Lara escreveu a história em seu caderno. Um conto chamado “O rapaz da ponte”. Leu em voz alta para os colegas, e muitos se emocionaram. Ninguém sabia que, enquanto escrevia, sentia uma presença suave ao seu lado, como um agradecimen-

to silencioso.

E naquela cidade esquecida, sob a neblina, a ponte nunca mais sussurrou.

Daniel Pereira dos Santos, com “Tupã: O Índio de Fé no Pantanal”.

Habitava nas terras do Pantanal, em uma certa aldeia, um índio chamado Tupã, sua esposa Ynaie e seus dois filhinhos pequenos: Jaci e Yara. Tupã era um índio de gentil aspecto, mas carregava em seu rosto marcas de muito sofrimento. Ynaie, semelhante ao marido, também trazia no olhar a dor refletida nas vestes abatidas, rasgadas, e nos calçados gastos que usavam.

Apesar disso, Tupã era um homem trabalhador e honesto, e carregava uma grande fé em seu coração. Sempre dizia à esposa:

— Minha querida, moramos neste lugar rodeado de grandes florestas, rios, bichos e muitos animais. Sabemos que não é fácil sobreviver aqui, e agora que temos dois filhos pequenos, precisamos lutar para dar-lhes uma vida melhor. Quero que um dia possam ir à escola, ter boa educação e sempre uma boa alimentação.

Ynaie respondia:

— Tupã, o meu desejo é o teu desejo. Mas da forma como vivemos, não consigo ver uma saída para nossos filhos terem uma vida mais digna, nem mesmo a chance de estudar.

Mas Ele, com sua grande fé, repetia:

— Tenho fé, minha esposa, que Deus criará um caminho melhor para a nossa família.

O casal era muito unido em tudo: no viver e no trabalhar. Tupã dedicava-se à caça, à pesca, às coletas de frutos silvestres e também à lavoura. Ynaie, por cuidar das crianças pequenas, não podia ir longe, mas em casa produzia artesanatos com palhas e cuidava da família.

O trabalho dele era duro e árduo. Saía de casa à noite para caçar, e durante o dia pescava, coletava frutas e ainda cuidava da lavoura. Uma vez por semana reunia tudo o que produzia e levava para a cidade mais próxima em seu pequeno barco simples e

desgastado. Partia antes do sol nascer, pois o barco não tinha motor, e ele precisava remar pelas grandes águas do Pantanal, enfrentando dificuldades e perigos. Nessas viagens, meditava sobre a família e dizia em seu coração:

— Tenho fé que Deus vai transformar a vida da minha família.

Apesar das lutas, ele nunca desistia. Ao chegar à cidade, instalava-se em um ponto da feira e vendia os produtos de seu árduo trabalho. Por ser de gentil aspecto, conquistava a simpatia das pessoas, principalmente a de seu Moacir, um senhor de idade, companheiro de banca, que admirava a fé e a perseverança de Tupã. Moacir sempre lhe dava bons conselhos, fortalecendo ainda mais sua confiança em Deus.

No fim do dia, com o pouco dinheiro que arrecadava — suficiente apenas para o necessário —, Tupã nunca esquecia de comprar doces para os filhos. Saía de casa antes do sol nascer e voltava apenas ao pôr do sol, mas sempre era recebido com grande alegria por Jaci e Yara, que corriam felizes ao ver o pai trazendo seus doces.

Assim se passavam os dias e os meses naquela rotina.

Porém, em certa noite, muito cansado, Tupã dormiu mais cedo. Nesse sono profundo, teve um sonho: via duas caixas de abelhas, que, ao serem abertas, transbordavam de mel. Ao acordar, ficou intrigado, mas não contou nada à esposa.

Na manhã seguinte, como de costume, foi à mata

em busca de materiais como paus e cipós. De repente, ao cortar um cipó, encontrou uma grande colmeia escondida. Naquele instante, lembrou-se do sonho. Aproximou-se com cuidado, e, ao provar o mel, sentiu-se fortalecido. Levou parte da colmeia para casa e mostrou à família.

O mel era doce, abundante e raro naquela região. Tupã começou a colher e vender na feira, e logo todos queriam comprar. Seu Moacir, admirado, disse:

— Tupã, Deus ouviu a tua fé. O mel é o presente da providência para tua família.

Com o tempo, Tupã aprendeu a cuidar das abelhas e multiplicou as colmeias. O que antes era apenas luta para sobreviver, transformou-se em sustento digno e esperança. Com o dinheiro, seus filhos puderam estudar, e Ynaie finalmente sorria ao ver a mudança.

Mas, acima de tudo, Tupã nunca deixou de repetir:

— Foi a fé que trouxe o caminho.

E, assim, no coração do Pantanal, nasceu a história de um índio simples, mas de grande fé, que acreditou no impossível e viu sua vida ser transformada como o mel que adoça a alma.

Ana Keslem Victoria Gonçalves do Nascimento, com “O Segredo do Pequeno Riacho”.

Miguel era um menino curioso, acostumado a passar as tardes no quintal de sua casa, que se abria

para as águas tranquilas de um riacho pantaneiro. Ele costumava observar as aves, as flores que cresciam na beira da água e os peixes que nadavam, sempre intrigado com o mistério de como tudo parecia funcionar em harmonia. O avô lhe dizia: “A natureza é como um livro que se lê com os olhos do coração.”

Certo dia, sentado embaixo de um ipê amarelo, Miguel percebeu uma capivara aproximando-se calmamente. Em sua imaginação, ouviu-a dizer: — Miguel, cuide de nós. A água que corre aqui também corre em você.

Essas palavras ficaram gravadas em sua mente. No outro dia, na escola, contou aos colegas e juntos decidiram recolher plásticos e garrafas esquecidos às margens do riacho. Cada semana se reuniam para limpar, plantar mudas e pintar cartazes com frases como “Água limpa, vida feliz” e “Quem cuida da natureza, cuida de si mesmo”. Aos poucos, perceberam o retorno de aves que antes não apareciam mais.

O riacho tornou-se ponto de encontro da comunidade. Pais, professores e vizinhos passaram a apoiar o grupo de crianças. Eles aprenderam que o segredo da vida estava na união e no cuidado. Quando chegou o fim do ano, a professora pediu que cada aluno escrevesse o que havia aprendido. Miguel escreveu: “O Pantanal não precisa de heróis distantes, precisa de pequenos guardiões como nós.”

Desde então, o pequeno riacho não era apenas água que corria: era símbolo de esperança e transformação. E cada novo canto das aves parecia repetir: “Obrigado, Miguel. Obrigado, guardiões.”

Ana Keslem Victoria Gonçalves do Nascimento, com “O Segredo do Pequeno Riacho”.

Miguel era um menino curioso, acostumado a passar as tardes no quintal de sua casa, que se abria para as águas tranquilas de um riacho pantaneiro. Ele costumava observar as aves, as flores que cresciam na beira da água e os peixes que nadavam, sempre intrigado com o mistério de como tudo parecia funcionar em harmonia. O avô lhe dizia: “A natureza é como um livro que se lê com os olhos do coração.”

Certo dia, sentado embaixo de um ipê amarelo, Miguel percebeu uma capivara aproximando-se calmamente. Em sua imaginação, ouviu-a dizer: — Miguel, cuide de nós. A água que corre aqui também corre em você.

Essas palavras ficaram gravadas em sua mente. No outro dia, na escola, contou aos colegas e juntos decidiram recolher plásticos e garrafas esquecidos às margens do riacho. Cada semana se reuniam para limpar, plantar mudas e pintar cartazes com frases como “Água limpa, vida feliz” e “Quem cuida da natureza, cuida de si mesmo”. Aos poucos, perceberam o retorno de aves que antes não apareciam mais.

O riacho tornou-se ponto de encontro da comunidade. Pais, professores e vizinhos passaram a apoiar o grupo de crianças. Eles aprenderam que o segredo da vida estava na união e no cuidado. Quando chegou o fim do ano, a professora pediu que cada aluno escrevesse o que havia aprendido. Miguel escreveu: “O Pantanal não precisa de heróis distantes, precisa de pequenos guardiões como nós.

Desde então, o pequeno riacho não era apenas água que corria: era símbolo de esperança e transformação. E cada novo canto das aves parecia repetir: “Obrigado, Miguel. Obrigado, guardiões.

Grasiela Fernanda da Silva Campigotto, com “A Onça e o Menino do Pantanal”.

João adorava caminhar pelas trilhas do Pantanal. Seu avô sempre lhe contava histórias sobre o respeito aos animais e à floresta. Certo dia, seguindo pegadas grandes, encontrou uma onça-pintada. O coração disparou, mas ele lembrou do conselho do avô: “Respeite a natureza e ela o respeitará.” João recuou devagar e a onça simplesmente seguiu seu caminho.

A experiência mudou João. Ele percebeu que o medo dava lugar ao respeito, e a natureza era mais sábia do que parecia. Decidiu escrever em seu caderno: “O Pantanal não é um lugar a ser dominado, mas compreendido.”

Com essa lição, João começou a observar mais. Notou como as árvores protegiam os ninhos das aves, como o rio alimentava peixes e capivaras, e como cada detalhe estava interligado. Na escola, contou sua experiência e os colegas passaram a valorizar ainda mais o cuidado com o meio ambiente.

Algumas semanas depois, João e seus amigos organizaram uma campanha para plantar mudas de árvores frutíferas. Eles queriam que as gerações futuras conhecessem o voo colorido das araras, o canto dos sabiás e até o olhar imponente da onça, não como ameaça, mas como símbolo de equilíbrio. Assim, a história de João e da onça tornou-se exemplo: o Pantanal só se mantém vivo quando existe respeito e convivência harmônica.

**CONTOS
DO ENSINO
MÉDIO**

PRIMEIRO LUGAR

Sérgio Sama Oliveira Penteado,
com “*Cenário*”.

SEGUNDO LUGAR

Álvaro Ferreira de Oliveira Maia,
com “*Torturado de Gaza*”.

TERCEIRO LUGAR

Luanna Beatriz de Camargo Silva,
com “*Jornal*”.

QUARTO LUGAR

Isabella Zotareli Fernandes,
com “*Memórias de Pedra*”.

QUINTO LUGAR

Maria Eduarda Cordeiro Borges de Araujo,
com “*Memórias de Victoria*”.

Sérgio Sama Oliveira Penteado, com “Cenário”.

Tinha saído com os amigos, era final de semana, esquema salário mínimo, tinha pagado as contas, passamos no bairro que parecia shangri-la, perto da casa de um velho parente, fomos a um café que parecia Palestina, na frente me lembrava Bangladesh, pensava um pouco nas crianças da guerra, cada talher era uma arma, pelo menos era o que a câmera dos jornais diziam, eu também tinha a minha, quase não podia gravar, mas essa narrativa eu conhecia muito bem, não pensava muito no dia de amanhã ou na entrevista de emprego do próximo mês-era o mesmo dia que meus pais tiveram, não tenho medo do mundo que se repete, mas pensava e repensava aqui ou em qualquer lugar.

O vento do oeste anunciava as propagandas no rádio, todos os carros escutavam entre os semáforos as mesmas notícias, pensava surdo sozinho pela janela em todas as horas, lembrava da minha mãe, do Vietnã, dos Beatles e dos lugares que não fui mais, parecia que não só essa cidade tivesse ficado mais triste como todas as colônias portuguesas e todos que escutam o rei inglês.

Eu sabia as horas extras, meu professor me ensinou a ler o tempo, também aprendi os esquemas, esquema bolsa família, esquema tarifa de importações, esquema desmatamento, esquema desigualdade, esquema racismo, esquema Édipo, todos eles eu decifrei de cor, sabia de todos os detalhes, eu tinha resolvido os enigmas como ninguém resolveu.

Pensava que no oriente as coisas não iam de mal a pior, talvez lá eu saberia ver risos e os sorrisos, te trataria ao comprimento japonês, você me apaixonaria com seus olhos de gueixa e eu aceitaria com um beijo francês, mas sabia eu que na China, Coreia ou Taiwan estavam iguais a Cuba, México ou Porto Rico, pensava ainda, sim, se existia salvação para os sonhos derramando como sangue em veias de um jornal.

Talvez fosse um erro do nosso tempo, ou loucura do próprio mundo, os colírios, os delírios-eu com o mesmo rosto e casaco de general pensando em passar para te ver, próxima semana ou próximo mês não era o mesmo calendário. E aqui bem perto de casa andando a passos de memória esquecia de tudo, tinha desligado os motores do corpo, apagado o cigarro e já não tenho mais arrependimentos, quando for

a hora de fechar o livro terei paz que tive coragem de não perder as cartas, me entregar aos baralhos, agora só sonho, sonho, sonho e durmo, pensando se não seria certo como também errado, querer o mesmo tempo de guerra para o tempo de amar.

Álvaro Ferreira de Oliveira Maia, com “Torturado de Gaza”.

ATO I

Dizem que as coisas que amamos possuem uma alma, as almas que tanto amei me deixaram para irem para outro lugar, os valores não me curaram, mas me satisfaziam, um toque de midas iria resolver os assuntos pendentes com pessoas ruins. Às vezes me pergunto se nasci condenado, todos os passos que dei mesmo sem uma de minhas pernas ou dos abraços amáveis que dei sem um de meus braços, me vejo em um lugar que não vejo tempo passar.

Lembro do pão quente que minha mãe me dava para me alimentar para o café da manhã na infância antes de ir para a escola, agora o pão que me dão é como comer um pão que é usado para limpar vômitos e fezes. As gargalhadas que antes me faziam feliz agora me deixa com medo da pessoa que estaria rindo.

Queria que os corpos que jazem, estão mortos, tivessem tido suas conquistas, que tanto almejavam, reaproveitar mentes que já partiram, abri-los os cérebros para que eu entrasse; estudei tanto o cérebro das pessoas que acabei não entendendo como o meu próprio pensamento era, mesmo em alguns dias que ainda me mantive vivo, as experiências que tive para sobreviver foram a chave, mas como poderia ter a chave de uma porta em um local que todas as portas estão destruídas.

Eu preciso voltar a conseguir uma maneira de seguir até a minha última fase, os aliados que fiz eram temporários o suficiente para me enganar e me jogar ao poço de esterco, mas eu preciso me manter eterno e no fim de meu objetivo visar a minha pureza.

Nada cobrindo o céu pela última vez que o vi, se abstraiu tudo o que eu vi, o gosto metálico em minha boca, minha mandíbula que já foi quebrada e consertada diversas vezes, mas ainda sinto a dor, um gotejar lento em uma sala vazia me faz ficar alienado a drogas impostas a minha boca, meu nariz e minha corrente sanguínea. Me sentia forte, mas tão pouco me sinto agora, acorrentado como se eu fosse um porco ao abate.

Eu era o mesmo monstro que tirava vidas, uma casca vazia, quando conheci meu amor eu era o mesmo monstro que tinham destruído sua vida, se um dia minhas armas gritavam comecei a me calar por compaixão, e comecei a perdoar a quem me fazia o mal. Por um tempo, eu renasci da destruição do fogo até a água que saciava, a água que dava a vida.

Mas eu ainda tenho tantas saudades de casa, eu preciso dormir e acordar naquela terra, sem escravidão, aonde não chegou nenhuma guerra. Minha amada e minha filha estão me esperando em algum lugar.

ATO II

Eu vejo o abismo se abrir, se resplandecer a visão de um canário no qual me identificava, voltando a sanidade, sinto o frio do aço de algo enfincado em meus pulsos, não posso ver onde estão, mas nem consigo sentir onde estão, não sei onde era minha carne e onde era o aço.

Eu não sou mais dono de meu próprio corpo, minha vida cedeu à vontade de pessoas que decidiriam o que fazer comigo.

Minha luz não está brilhando mais, todo santo dia minha dignidade sendo retirada, meu corpo quebrado, minha alma assassinada, um canário já não sou mais, minha beleza retirada, me ver assim me dói, em todos os dias o sol brilhava menos do que a lua.

A sede como uma tortura silenciosa. A boca seca racha, sangra, não me permitiam comer, não pude nem ao menos beber.

Eu estou preso, eu estou sozinho, sem corpo, sem sentimentos, eu estou preso no inferno enquanto ouço o céu, não importa o quanto eu grito: as pessoas que fazem festivais fora desta sala não me ouvem.

Ouçõ passos. Lentos, firmes, arrastando uma sombra que chega antes dele por baixo da porta, o ranger da porta abrindo me avisa como um gatilho de uma arma apontada em minha face.

Os passos até mim se silenciam, o silêncio me deixa com mais ansiedade do que propriamente os passos, a sombra dele se alonga ao chão. Ele não fala de imediato, deixou o tempo correr, deixou minha insanidade e loucura como uma corrente puxando meu pescoço para baixo – Ainda tentando resistir? – A voz dele corta o ar como uma lâmina, não é alta, não é furiosa; é calma, meticulosa, como quem saboreia cada palavra.

Sinto meu peito apertar. Sei que, se respondo, dou poder; se me calo, ele o toma do mesmo jeito.

Ele circula ao meu redor. Consigo ouvir o som das botas arranhando o piso, o tinir metálico de algo que traz nas mãos. Minha mente preenche horrores que talvez nem estejam lá – Você já se perguntou quanto tempo uma pessoa leva para esquecer que é um humano? – Ele pergunta, aproximando se. – Dias? Horas? Ou basta um único corte no lugar certo? – Sua respiração está perto do meu pescoço, as cenas de abusos me vêm à cabeça e começo a me desesperar, uma respiração quente, invasiva. Quero recuar, mas

não há para onde ir, eu tenho boca, mas não consigo gritar.

Ele não me golpeia de imediato. Não precisa, cada segundo de espera é uma tortura em si. O som metálico se repete: clique... clique...

ATO III

Sinto o toque frio do metal deslizando pelas minhas costas. Não corta. Só encosta, lento como se desenhasse linhas invisíveis na minha pele.

Ele levanta meu queixo de forma leve, me obrigando a encarar seus olhos. Me olhou frio como o inverno, eu o olhei de volta para o inferno. Quero desviar, mas não posso, cada segundo que passa me da a incerteza de quando ele irá me matar.

Reúno as únicas forças que tenho – A culpa disso tudo é sua, Pai. Você me deu uma consciência, Pai. O poder de pensar, Pai. Eu estava preso, tudo antes era incrível, um mundo lindo, eu sozinho sem corpo, sem sentir, sem sentimentos. Nunca foi para mim entrar numa cascata gelada em dias quentes, nunca era para mim tocar o Inverno de Vivaldi, você arrancou a crina de meu arco e usou os cabelos de minha esposa, você arrancou as cordas do meu violino e usou os cabelos da minha filha. Nunca foi para mim ter algum amor. Eu me peguei te odiando, seu rosto, suas ações, sua presença, até a sua existência. E você, você é o diabo, e você não vai morrer em paz, isso eu prometo, eu prometo! – Ele com um sorriso perturbador no rosto me responde – Penso, logo existo, isso é um bom bordão para mim, já você não

existe mais, há algum tempo você me amava, filho. Você realmente me odeia – ele ri da situação enquanto olha para mim – Eu te odeio! Eu existo! – A lâmina se move. O som de algo cortando o ar é a última coisa que escuto antes de começar a ficar sem ar.

Luanna Beatriz de Camargo Silva, com “Jornal”.

“Na manhã de hoje, sexta-feira, 14, o corpo da jovem desaparecida foi encontrado próximo à ponte entre Selvíria e Ilha Solteira. Foi visto pelos trabalhadores noturnos, da usina, que estavam retornando para suas casas.

Após uma rápida perícia, os guardiões da jovem foram acionados e reconheceram o corpo como sendo de sua neta, que havia desaparecido há poucas semanas. Horas mais tarde, o legista responsável deu seu parecer: apesar de não ter nenhum ferimento exposto, o relatório contava com marcas de agressão ao redor do pescoço, indicando assassinato. O ex-marido foi detido e está sendo interrogado como principal suspeito na sede central da polícia [...]”

O jornal é dobrado e colocado em cima da mesa de apoio. O homem sentado na poltrona de couro observa a lareira acesa com certo aborrecimento, sua mulher havia feito de novo e novamente havia sido descuidada. Agora era seu trabalho cuidar de tudo para que ela não fosse pega.

Isabella Zotareli Fernandes, com “Memórias de Pedra”.

A imigração italiana foi um marco histórico para o Brasil quando houve o processo de “branqueamento”. Muitos italianos vieram para o Brasil em busca de uma vida melhor. Entre eles, estava Enrico Zottarelli, um homem de mãos calejadas e sonhos grandes, que cruzou o oceano com sua esposa e filhos a bordo de um navio de madeira rangente. Vinham com esperança, acreditando nas promessas de “terras fartas e futuro promissor” que tanto ouviram falar.

Ao chegarem em solo brasileiro, no entanto, encontraram uma realidade dura e pedregosa. Nada era fácil. Foram levados a uma colônia do interior, onde trabalhavam nas lavouras de uva. Apesar do cansaço, Enrico não desistia e assim, gradualmente, se tornava uma inspiração para seus seis filhos.

As casas daquela região eram feitas de pedra. Enrico como outros italianos construíram suas casas com as próprias mãos. As noites eram frias, mas era melhor do que dormir sobre a gelada chuva.

O tempo passou, Enrico precisou se deslocar para a cidade em busca de melhores oportunidades. Como muitos de seus conterrâneos, carregavam certa vergonha da simplicidade de suas moradias, de suas origens humildes.

Com o passar das décadas, as casas de pedra foram sendo abandonadas. Hoje aquelas construções se tornaram um ponto turístico, os visitantes caminham entre as ruínas, que carregam memórias.

O que ninguém vê, todavia, é que cada pedra é uma lembrança: Um riso de uma criança, uma lágrima silenciosa, o cheiro do pão fresco. As lembranças não ficaram no passado, permanecem como testemunhas silenciosas de um povo que sonhou, lutou e deixou ali um pedaço de sua alma.

Maria Eduarda Cordeiro Borges de Araujo, com “Memórias de Victoria”.

Tantas fotos preenchendo porta-retratos.

Tantas fotos me lembram dos mortos.

Uma estante cheia, mas, ao mesmo tempo, uma casa tão vazia. Nesta casa não existem fantasmas, apenas lembranças.

Mãos fracas, pálidas e cansadas agarram uma das molduras. Dedos finos deslizando pelos contornos de seu lindo rosto. Sua pele bronzeada de sol, por todas as vezes que sentava à soleira da porta de manhã, sorvendo seu café amargo.

— “Victoria?” – Soava sua voz em meus ouvidos, como uma brincadeira do além. Uma lembrança tão doce contrastando com seu café amargo que tanto amava. — “Victoria...” – Senhor...Nesta casa não existem fantasmas.

Agarrava-me à moldura, apertando-a contra o meu peito. Seu calor, tão próximo, escorria pelos meus olhos, mas, ao mesmo tempo, tão distante, distante ao ponto de gelar minha alma, arrepiando minha espinha.

— “Victoria, mi amor, por que está chorando?” – Ele sorriu para mim. Seus olhos.

Ah, seus olhos.

Seus lindos olhos castanhos me encaravam de perto. Brilhando como se fossem a própria vida.

Rafael abaixou-se na altura dos meus olhos. Suas mãos firmes largando sua xícara e apoiando-se em meu rosto. Minha respiração falhou, seu calor me aqueceu aos poucos, envolvendo-me. Era como recordar da primeira vez que o vi: tão puro, tão lindo, tão ingênuo. Seus lábios se encostaram nos meus,

preenchendo a lacuna que havia se posto entre nós. Sentia-me viva. Viva com Rafael.

Só queria me agarrar a seus braços mais uma vez, me perder em seu abraço, poder chorar enquanto ele me consolava. Ou simplesmente colocar sua cabeça em meu colo mais uma vez, como fazíamos quando éramos adolescentes. Sentir sua barba rala fazer cócegas em minhas coxas. Sua respiração sempre quente, assim como sua energia mexendo com meus sentidos.

— Rafael... – Murmurei entre soluços.

— Mi amor. Por que está chorando? – Ele questionou, seus olhos inocentes me encarando, brilhando como a estrela mais cintilante do céu.

— Me machuca te sentir tão distante.

Tantas fotos... tantas fotos me lembram dos mortos.

Ele não respondeu, apenas sorriu.

Sorriu para mim.

Sorriu como só ele sabia.

Levantou-se e dispôs uma de suas mãos em minha direção, e eu a segurei. Rafael me agarrou, puxando-me para si. Encostei minha cabeça em seu peito, seus braços envolveram minhas costas, e os meus o envolvendo. Seus pés deslizavam pelo chão, puxando-me, conduzindo-me a uma dança lenta. Lenta como sua respiração, quase invisível.

Café, sol e erva-doce. Rafael cheirava a tudo isso.

Soava como música vintage, dançava jazz suave, e brincava com todos os meus sentidos.

Brincava com a realidade.

Brincava comigo.

Ao fundo tocava “it’s been a long long time”, conveniente até demais, talvez. Rafael amava jazz. E eu o amava. Meus pés descalços balançavam junto a ele, fazendo círculos imaginários enquanto ele me rodopiava de um lado para o outro. Mágico.

Mas quando abri os olhos... Rafael não estava lá.

Estava dançando sozinha. Sem cheiro de café, sem sol, sem ele. Abraçada apenas a um retrato de Rafael, dançava com o silêncio.

As lágrimas, antes quentes como o calor que ele me trazia, haviam esfriado. Restou apenas o amargor — o mesmo de seu café preferido.

— Eu nunca amarei outro homem como amo você, Rafael — Murmurei, encarando o quadro mais uma vez em despedida. Revendo seu rosto que nunca mais poderei mais tocar.

— Eu também amo você, Victoria... — Ele respondeu, respondeu calmo, enquanto se ia, se desfazia no vazio.

Levando consigo minha vida.

Minha alegria.

E todo meu amor.

**CRÔNICAS
DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

PRIMEIRO LUGAR

Flávia Alexandra Ramos de Souza,
com “*O Pantanal pelos olhos de um tuiuiú*”.

SEGUNDO LUGAR

Rafaela Aguiar Aguirre Costa,
com “*A Rainha da Casa*”.

TERCEIRO LUGAR

Yasmim Teixeira de Souza,
com “*Quando o Vento Passa*”.

QUARTO LUGAR

Carlos Henrique Soares Ferreira,
com “*Um Dia Sul-Mato-Grossense*”.

QUINTO LUGAR

José Henrique Rodrigues da Silva,
com “*O Silêncio Pantaneiro*”.

Flávia Alexandra Ramos de Souza, com “O Pantanal pelos olhos de um tuiuiú”.

Houve um tempo em que eu apreciava da altitude as curvas dos rios, os jacarés tomando sol, nas margens as capivaras reunidas em bandos, sob a vigia da onça-pintada sempre com olhos antenados. Entre os ipês floridos, colorindo e trazendo vida, as palmeiras altas se destacam. Mais abaixo avistava as garças à beira d’água, e os peixes, sentindo as vibrações secretas nos rios, encantavam quem os conhecia. No retorno ao meu ninho, onde minha companheira e meus filhotes me esperavam com alimento ofertado pelo grandioso Pantanal.

Porém, hoje não ouço mais o cantar dos pássaros e sim um barulho ensurdecedor, são os tratores que estão derrubando tudo. Voo mais depressa, minha companheira e eu pegamos nossos filhotes e voamos para o mais longe possível. Do alto de uma palmeira, vemos máquinas derrubando nosso lar e no horizonte, só há fumaça. Conseguimos nos salvar, entretanto, muitos de nossos parceiros de fauna perderam seus lares, outros suas vidas devido às queimadas, há ainda aqueles que sobraram e ficaram com sequelas.

Hoje o brilho que vem dos rios são dos produtos químicos, os jacarés sumiram das margens, pois vivem com medo dos caçadores, que fazem de seu couro um produto de um mercado proibido. Muitas capivaras morreram nas queimadas, já as onças que antes ameaçavam a tranquilidade dos outros animais, atualmente perderam seu habitat para grandes fazendas, e quando ousam retomar à suas caças, são surpreendidas tornando-se as presas de caçadores.

Embora nosso lar, o Pantanal, esteja em silêncio, sem brilho, sem cores, tenho a esperança cravada em meu peito de que os humanos escutarão a nossa voz, verão nosso sofrimento, compreenderão que a vida deles também depende desta terra. Quiçá, um dia, entenderão que destruir nosso lar é destruir a si mesmos, antes que seja tarde demais.

Rafaela Aguiar Aguirre Costa, com “A Rainha da Casa”.

Todo mundo tem um chefe em casa. Aqui o chefe nem é gente: é a Paçoca, nossa cadela. Quer dizer, chamar ela de cadela talvez seja estranho, porque ela age mais como uma madame rica e mimada.

A Paçoca tem regras. A primeira: a comida dela tem que ser servida na hora certa, se atrasar ela olha com aquele olhar de quem acabou de sofrer uma injustiça. A segunda: ela dorme onde quiser. No caso, na minha cama. Meu pai tentou proibir, “Essa cachorra tem que dormir na caminha dela”, ele disse, ela fingiu que não ouviu. A terceira, é talvez a mais importante regra: ar condicionado sempre ligado. Se a gente esquecer de ligar, ela senta na frente do aparelho e fica olhando até que alguém o faça. Outro dia, minha mãe disse: Paçoca tá frio, você é um cachorro, tem pêlo. Ela espreguiçou e continuou esperando. O ar foi ligado.

Já aceitamos , a Paçoca é a dona da casa, e nós somos os funcionários dela, mas, tudo bem, porque quando ela pula no sofá e deita do nosso lado, faz com aquela cara de quem ama a gente mais que tudo no mundo. Ela só faz isso pois já é uma cachorro de idade , com seus 9 anos, e aí dá para entender porque ela manda em tudo. Para piorar essa história é baseada em fatos reais.

Yasmim Teixeira de Souza, com “Quando o Vento Passa”.

Pela janela aberta, ele entra sem pedir licença. O relógio precisa só desacelerar para o Vento brincar com a casa. Bagunça as cortinas, espalha folhas e lembranças. Um Vento que não era apenas ar, mas o pombo correio de histórias que insistem em nos tocar, de lembranças, de sentimentos que nem imaginávamos que ainda existiam.

No café da manhã, o aroma do pão que o Vento traz para o nosso olfato diretamente do forno que se mistura ao cheiro do café, como se o mundo quisesse me lembrar de que há beleza nas pequenas coisas. E foi nesse instante, entre um gole de água e outro, que percebi que o vento carrega consigo pequenas partes do tempo em que as pessoas eram felizes, simples e até mesmo capazes de amar.

Na rua, o Vento é pintor: rabisca no chão com folhas secas e desenha curvas invisíveis que só os olhos pacientes conseguem acompanhar. Também empurra as sacolas de papel como barcos em fuga. Ele é músico: toca flauta nas frestas das janelas, faz tambores com as latas soltas nas calçadas e dá ritmos aos galhos que estalam como cordas de violão.

Porque o Vento carrega lembranças ao passar, pode trazer o cheiro do mar, que ficou distante ou o perfume de alguém que não volta mais, ou simplesmente a memória de uma tarde em que tudo parecia leve. A gente percebe o vazio que deixou: o varal parado, a poeira no chão, a janela quieta demais.

E por isso, talvez ele não seja apenas o movimento do ar. Talvez seja o próprio tempo, soprando na direção que não podemos controlar. Ele passa, sempre passa e nos lembra que nada permanece imóvel: nem as folhas, nem as nuvens, nem a vida.

Quando o Vento passa, nos resta um convite: deixar-se mover também.

Carlos Henrique Soares Ferreira, com “Um Dia Sul-Mato-Grossense”.

Acordei cedo, quando o primeiro clarão da manhã tingia de laranja o céu da minha amada terra. O canto dos pássaros enchia, a janela de música e o cheiro de orvalho fresco se misturavam ao aroma do café preto que me esperava. No prato, chipa acabada de sair do fogo – simples e perfeito para começar o dia.

Logo, me arrumei para cuidar da boiada. Desencilhei o meu fiel cavalo, relâmpago, e parti antes do sol raiar, sentindo o vento frio cortar no rosto. O galope ecoava pelo campo silencioso, quebrando a nevoa que ainda se espalha entre as árvores.

Depois de reunir o gado, conduzi o rebanho rumo a outro pasto. No caminho, ao atravessar o rio, a boiada, espantou as capivaras que se refrescavam na água mansa, levantando um breve alvoroço de respingos e guinchos. Chegamos à porteira, o som grave do berrante abriu passagem para o rebanho. Como se chamasse a própria alma da fazenda.

Com o serviço feito, busquei a generosa sombra de uma aroeira. Ali, com um tereré gelado nas mãos e a conversa descontraída dos peões como trilha de fundo, deixei o tempo passar sem pressa. O cheiro doce da terra aquecida pelo sol misturava-se a brisa suave que corria pelo mato.

Na volta para casa, Relâmpago seguia num trotetranquilo. Pelo caminho, meus olhos se perdiam na beleza do Mato Grosso do Sul: o verde profundo dos campos, o brilho das águas serpenteando entre as árvores.

Quando a porteira de casa surgiu, o cheiro de um arroz carreteiro no fogão de lenha me recebeu com um abraço.

Mais tarde, deitado na rede, deixei o corpo relaxar enquanto o chamamé no rádio enchia a varanda de melodia. De olhos fechados, agradecia, a Deus por mais um dia em minha terra amada.

José Henrique Rodrigues da Silva, com “O Silêncio Pantaneiro”.

Muitos acreditam que a noite carrega consigo um vazio profundo, mas, naquela noite um pescador admirou-se com sua experiência, provando o contrário. Ajeitou seus instrumentos como de costume – alguns até herdados de seus anciões – ordenando lembranças antigas, a rede dobrada com serenidade, os anzóis reluzentes como constelações e a vara firme como sua fiel companhia de vivências. Dali, tinha esperança – como acontecia há gerações – de trazer o sustento dos seus, que ainda adormeciam tranquilamente em seus leitos.

Já sobre as águas do Rio Negro, embora solitário, sentia que o silêncio era absoluto: ouvia o coaxar dos sapos, o estalo estridente de galhos caindo das árvores enquanto a brisa suave sussurrava em seus ouvidos uma melodia misteriosa que se desfez no ar, compartilhando com o pescador seus segredos mais íntimos e a folhas acompanharem o ritmo em uma bela valsa pelo chão.

Todos esses detalhes - pequenos e sutis - trouxeram mais brilho para aquela noite, do qual o velho pantaneiro jamais havia visto antes, por estar cotidianamente ali em busca do pão de cada dia, mesmo sempre estando no mesmo lugar. Pela primeira vez, compreendeu que não era somente a rede que fisgava algo, mas suas emoções e sentidos, atentos a cada detalhe, absorvendo a essência que existe naquele lugar.

Instintivamente, desistiu de seus peixes naquele dia, apenas apropriou-se do momento, o vento conduzia seus pensamentos em uma viagem por sua vida, e, sobretudo, uma certeza o revisitou: nenhuma pesca teria valor se ele não soubesse vivenciar a verdadeira beleza do Pantanal.

Enquanto se distanciava, sentiu a vibração dos peixes na água, como se o Pantanal sorrisse com sua melodia envolvente. Naquele instante, nada de pressa, nem vontade de voltar em sua decisão. Ao retornar seu caminho para casa, o pescador carregava um sentimento que jamais caberia na rede: o mundo que pulsa como parte viva da vasta beleza que só o silêncio do Pantanal evidencia.

**CRÔNICAS
DO ENSINO
MÉDIO**

PRIMEIRO LUGAR

Ana Laura Peres Jerônimo,
com “*Talvez eu me invente*”.

SEGUNDO LUGAR

Luiz Henrique Soares da Silva,
com “*O Pantanal e o que é para mim*”.

TERCEIRO LUGAR

Isadora Ramos da Silva,
com “*Relógio da Esquina*”.

QUARTO LUGAR

Pedro Ribeiro Santos,
com “*Dinheiro Perdido*”.

QUINTO LUGAR

Victoria Mei Ohira Kohatsu,
com “*Ciclo da Vida*”.

Ana Laura Peres Jerônimo, com “Talvez eu me invente”.

Eu não sei se hoje acordei ou se apenas parei de sonhar. Há uma diferença? Seria a vida um sonho lúcido? Então por que eu não acordo dele?

Me busco no meu grande vazio.

Sinto um conforto na dor, no sofrimento, na melancolia de existir. Disseram-me que isso é perigoso. Mas acontece que por sofrer, eu me aprofundei pelo coração dentro do coração.

Dentro de mim, a voz que fala não tem boca. Ela é feita de vento e um pouco de medo. E eu – quem sou? Sou uma mulher que observa a mulher que sou.

Quando escrevo as palavras no papel, sinto que o gesto é maior que a escrita. É um aviso: Estou viva. Eu acumulo, acumulo, acumulo, até que não cabe em mim e estouro em palavras.

Às vezes penso que o corpo é só um disfarce para a alma não passar vergonha. Outras vezes, acho que a alma é que inventou o corpo para ter a quem culpar.

Hoje, o sol entrou pela janela sem pedir licença. Fiquei ofendida. Quem ele pensa que é para iluminar tudo assim, tão sem pudor? Mas depois percebi que o sol não sabe o que faz. Nem eu.

Há uma solidão que é companhia. E há uma companhia que é solidão. Talvez o erro esteja em nomear as coisas. As coisas não gostam de nomes, preferem ser sentidas.

Se eu pudesse, arrancaria todos os relógios do mundo. Não para parar o tempo, mas para que ninguém percebesse que ele existe.

Penso no amor como se fosse um copo d'água: às vezes transborda, às vezes evapora. O que me assusta não é o vazio, mas a lembrança de quando estava cheio.

E se eu nunca for quem espero ser?

E se a espera for, na verdade, o que me mantém?

Talvez, talvez eu seja só uma página em branco, que acredita ser livro.

Hoje, acordei com um peso que não era tristeza. Era só existir demais.

O café esfriou antes que eu tomasse o primeiro gole. Provavelmente porque, no fundo, eu não quisesse café, mas sim um instante para adiar o dia.

Olhei para minhas mãos e percebi que elas estavam quietas demais. Mãos paradas parecem pensar mais que o resto do corpo.

Há lembranças que se agarram à pele como se fossem tatuagens invisíveis. Por mais que eu lave, não saem. Talvez nem sejam lembranças, mas avisos.

O tempo não é um rio. É um espelho que se quebra toda vez que tento olhar.

Hoje, a rua estava cheia de gente, mas todas as pessoas me pareciam um pouco vazias. Ou talvez eu tenha projetado o meu próprio vazio nelas — o que é pior, porque torna impossível fugir.

Às vezes, penso que o amor é só um intervalo bonito entre dois silêncios.

E às vezes, penso que eu inventei essa frase só para não admitir que tenho medo do próximo silêncio.

Ser é um verbo que não se conjuga sozinho. Mas

eu continuo tentando.

E agora, escrevendo, percebo: talvez eu não queira entender nada. Porque entender é matar a pergunta. E eu gosto de perguntas vivas.

Luiz Henrique Soares da Silva, com “O Pantanal e o que é para mim”.

O pantanal é um lugar estranho de explicar porque parece que não acaba nunca, mas ao mesmo tempo cabe dentro da gente. Às vezes penso que ele mora mais na lembrança que no mapa. Quem já sentou na beira de um rio aqui, sabe que o silêncio tem som, que até a calmaria faz barulho. Eu lembro de uma manhã, a água estava alta, o rio Paraguai tinha tomado conta de tudo. A canoa passava em cima do que antes era estrada. Eu pensava como é que o tempo aqui não corre, ele escorre, igualzinho a água, e vai desenhando os caminhos. É o rio que decide se a gente anda, se rema, se espera. Ele manda mais que relógio, mais que o calendário. Outro dia eu fiquei olhando os jacarés de boca aberta, sempre de guarda, mas não foram eles que me prenderam não. Foi

uma libélula azul que passou voando torto. Ela riscava o ar como quem escreve letra de criança, toda tremida. Eu pensei no Manoel de Barros que gostava dessas coisas que quase não prestam para nada. Naquele instante eu entendi que poesia não está nos grandes bichos, mas num inseto pequeno que dança por cima da água. O pantanal ensina a gente a gostar do chão. Eu vi um menino brincando com um casco de jabuti quebrado. Pros outros era só resto, pra ele era um navio. Ele soprava água e ria sozinho, parecia que tinha inventado o mundo. Aquilo me fez pensar que o pantanal é isso: pegar quase nada e transformar em tudo. De manhã cedo o céu acorda barulhento. As araras azuis gritam passando em bando. Todo mundo admira o voo aberto, eu admiro quando elas pousam. O instante que a asa dobra parece segredo, coisa rápida, mas bonita de ver. De tarde a luz fica melada, o gado mastiga devagar como se mastigasse até o tempo. A garça pousa e parece mais um pensamento do que um bicho. O vento passa assobiando como se fosse menino brincando. À noite o pantanal se veste de exagero. O escuro é cheio demais, não vazio. O céu se cobre de estrela até perder a conta. A gente fica pequeno, mas é um pequeno bom, que não humilha, só lembra que faz parte de alguma coisa maior. Tem também os dias de seca. O chão racha, o ar pesa, a gente escuta o estalo da madeira queimando longe. É como se a terra tivesse sede de novo. Mesmo assim, a vida não desiste. Sempre tem uma flor pequena nascendo no meio da poeira, sempre tem um passarinho teimando em cantar. Manoel diria que é nessas horas que a poesia aparece. Aqui no pantanal eu aprendo mais que em livro. Aprendo que

a gente não precisa ser grande pra ter valor. Que um sapinho na mão pode ensinar paciência. Que o casco velho do barco esquecido também cria vida, musgo, inseto, histórias. Aprendo que a beleza não tá só no ipê amarelo, mas no capim molhado de orvalho, no voo torto da borboleta, no cheiro de terra molhada depois da chuva. E quando chove, é um espetáculo: A água bate forte no telhado de zinco e parece que o mundo vai desmanchar. Mas depois o rio agradece, enche de novo, e a gente sente que tudo recomeça. Se alguém me perguntar o que é o pantanal, eu não vou falar de mapa nem de número. Vou falar que é o lugar onde a gente pode ser pequeno sem sentir vergonha, onde o vento conversa com a gente, onde uma criança transforma casco quebrado em navio, onde até o silêncio tem barulho. O pantanal não é pra entender, é pra sentir. E quanto mais a gente sente, mais descobre que ele cabe inteiro dentro de um detalhe, dentro de um olhar, dentro da gente mesmo.

Isadora Ramos da Silva, com “Relógio da Esquina”.

Na esquina da rua principal, há um relógio antigo que ninguém mais nota. Ele fica pendurado na fachada de uma farmácia, já com as bordas enferrujadas e o vidro arranhado. As pessoas passam apressadas, os olhos mergulhados nas telas de seus celulares, carregando sacolas, pressa e preocupações.

O relógio continua lá, imóvel em sua tarefa de marcar as aulas, como se fosse o guardião silencioso de um tempo que ninguém mais enxerga. Sempre que passo por ele, me pergunto se não está rindo da gente. Porque enquanto todos correm para chegar em algum lugar, ao trabalho, a casa, a escola, ao encontro que já começou atrasado, ele apenas cumpre sua função. Marca os minutos com paciência de sábio, sem se importar se alguém nota. O relógio não se cansa. Está lá, faça chuva ou faça sol, indiferente ao mundo que se agita freneticamente. E talvez seja a lição mais simples e mais difícil.

O tempo não é inimigo, nem corrida, nem ameaça. Ele apenas existe, e muita coisa para muitos e outros não, cabe a nós decidirmos se vamos gastar a vida correndo com pressa de tudo ao ponto de ficarmos infelizes ou alegres. Aprendermos a caminhar ao seu lado, talvez até parar de vez, enquanto paramos para observar os pontos em suas engrenagens dançarem, reformando os segundo em minutos.

Pedro Ribeiro Santos, com “Dinheiro Perdido”.

Semana passada, aconteceu o off que é uma festa, que meus amigos e eu fizemos lá no bairro Caiobá, no sábado. Pensamos que nem ia ter muita gente porque era nossa primeira festa, mas nos dedicamos muito, alugamos a casa, pagamos para uma pessoa fazer o flyer e divulgamos bastante. Ficamos preocupados com o dinheiro, porque estava faltando metade da casa. Eu fiquei pensando “Vou ter que tirar dinheiro do meu banco”. Chegou o dia, nosso grupo do off estava com muitas pessoas, e todos começaram a pagar, e muitos iam pagar na hora da entrada da festa, seria melhor para a gente porque na hora seria mais caro, ficamos muito animados pensando “nós vai lucrar muito com essa festa” e quando era por volta das 19:00 no sábado, o valor da casa já estava pago.

Chegamos na casa, aconteceu uma situação muito triste: tínhamos que pagar mais 300 reais, mas não desistimos e tivemos que tirar do meu banco para pagar. Depois disso, liberamos a casa às 22:30. Fiquei na portaria recebendo os pagamentos, conferindo a lista, e cada vez que passava o horário, mais pessoas chegavam. Quando era 00:00, havíamos lucrado e o dinheiro do meu banco já estava pago, ficamos muito felizes porque muitos desacreditaram de nós falando que não daria certo. No final da festa, mais de 300 pessoas foram e lucramos mais de 4 mil reais em dinheiro e pix.

Limpamos toda a casa e fomos para uma festa que durava 2 dias, ficamos o domingo inteiro e foi nessa que aconteceu algo que deixou a gente muito triste, no final do dia a gente foi ver quanto a gente tinha gastado, abrimos o banco e a gente viu que tínhamos gastado mais de 3.500 reais. Nessa que a gente viu que o dinheiro vai embora que a gente nem vê.

Victoria Mei Ohira Kohatsu, com “Ciclo da Vida”.

Tudo têm fases: os anos, a Lua, os jogos, as conversas, os projetos. Às vezes, tropeçamos em algumas dessas fases, às vezes passamos para a futura com um gostinho de saudade da última, às vezes queremos permanecer numa fase só, às vezes precisamos pegar na mão de alguém para conseguir ir para a seguinte. Por algum infortúnio, não podemos voltar uma fase atrás como nos jogos, não podemos reviver e refazer tudo como consideramos “certo”, por isso essas fases são valiosas, pois não podemos recomeçar, só podemos olhar para trás e perceber que tudo passa. Como o primeiro dia de aula, a sensação de descobrir os cantos da escola que mais tarde receberam nomes, os dias cansativos de provas, a

demora na fila do almoço, o frio no estômago antes da apresentação de um trabalho, a dor de barriga depois de tanto rir, os dias de cinema depois da aula, as maquiagens do dia de trote, ler aquele livro como se fosse a primeira vez, ficar com dor na mão depois de fazer sete redações. Fases assim são preciosas, pois algumas podem durar anos mas outras não passam de meses, sempre achamos que vai durar pra sempre, mas em um dia vamos acordar e tudo não vai ter passado de um momento, um dia vamos tomar café da manhã com aquele gosto agridoce de saudade, um dia vamos sentir falta de tudo o que já se foi. Para alguns, esse ciclo se fecha em poucas semanas, para outros faltam ainda alguns anos e ainda têm os que recém pisaram nesse novo ciclo. Fases não são eternas, ciclos também não. Mas memórias são, memórias ruins e felizes mas que sempre irão fazer parte desse grande ciclo da vida.

**POESIAS
DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

PRIMEIRO LUGAR

Estefany Cristina Costa Vitório,
com “*Coração do Pantanal*”.

SEGUNDO LUGAR

Murilo Anderson de Oliveira,
com “*O Quintal Multiverso*”.

TERCEIRO LUGAR

Eduardo de Carvalho Guimarães,
com “*Ao Inverso*”.

QUARTO LUGAR

Isac Lopes da Cruz,
com “*Ela foi eu fiquei*”.

QUINTO LUGAR

Graziely Gomes Neves,
com “*Meu Jardim*”.

Estefany Cristina Costa Vitória, com “Coração do Pantanal”.

No ventre do Brasil, onde a alma respira,
repousa o Pantanal — silêncio que inspira.

É mais que paisagem, é canto ancestral,
um templo de vida, sagrado e vital.

Lá o tempo caminha como os passos do rio,
espelhando o céu num azul tão macio.

As garças deslizam com asas de véu,
e os ipês se vestem do próprio céu.

A arara risca o ar com cor e canção,
enquanto o tuiuiú guarda a imensidão.

Cada árvore preserva uma história esquecida
de águas antigas, de lutas, de vida.

No berço sagrado o jacaré espia,
guardiã silente da fauna perfeita.

Onça pintada — relâmpago e sombra —
é o pulso selvagem que nunca se dobra.

Oh, Pantanal, tua essência me chama,
és brasa sutil, és centelha, és chama.
És lágrimas doces de um Deus a criar
um espelho do Éden em pleno lugar.
Que nunca te falem as chuvas do bem,
que nunca te calem com fogo de alguém.
Pois tu és poema, paisagem e altar,
és alma do mundo — coração do Pantanal.
As águas que sobem, depois que recuam,
escrevem em ciclos as leis que flutuam.
É dança de penas, de flores, de cor,
orquestra do barro, do tempo e do amor.
E o homem pantaneiro, com passo sereno,
traz no olhar um saber tão ameno.
Vive da terra, rústica e torrão,
fala com o vento, com o gado, o sertão.

Murilo Anderson de Oliveira, com “O Quintal Multiverso”.

Voando por aí,
algo eu descobri.
Um portal imenso:
letras-números,
poesias-pássaros,
símbolos-elementos,
objetos-insetos!
Nesse mundo diferente,
tudo de bom está à sua frente!
Existe também uma fábrica
Que produz estrofes e versos.
Até parece que estamos
Em outros multiversos.
Daqui eu não quero sair,
porque tudo é muito especial.
Manoel pensou em tudo
quando criou o seu quintal.

Eduardo de Carvalho Guimarães, com “Ao Inverso”.

Como se constrói
o consumismo?
Como se consome
a tecnologia?
O que há de novo
no bolso das ideias
e na porta da empatia?
O que há?
O que havia
entre as plantas
e a poesia,
entre as folhas
e os versos?
- Como se conjuga o existir
ao inverso?

O menino pensativo
está apagando pensamentos difíceis.

Isac Lopes da Cruz, com “Ela foi eu fiquei”.

Ela foi...

com o vento nos cachos,

com a alegria de quem carrega a primavera nos olhos, com as mãos que um dia seguraram as minhas como raízes que sustentam a terra.

Ela riu, e eu chorei.

Ela seguiu, e eu parei,

como tronco à beira do rio, esquecido.

Ela se encontrou, e eu me perdi em saudade. Ela dançou com a vida,

como o voo das araras no amanhecer,

e eu fiquei imóvel,

esperando a cheia que não veio.

Ela floriu como ipê dourado,

e eu me tornei inverno seco.

E eu fiquei,

com lembranças presas no peito,

como peixe em rede abandonada.

Com o silêncio gritando seu nome,

como gritam as onças na noite funda.
Com o tempo sem cor,
como lagoa seca depois da estiagem.
Às vezes penso que inventei,
que foste apenas miragem
num deserto de solidão.
Mas então a saudade me corrige:
ninguém sente tanto por um sonho.
Seus passos ainda ecoam
nos lugares onde nunca mais irás.
Sua ausência é tão presente
que parece sentar-se ao meu lado,
e falar comigo em voz baixa,
como um fantasma que não assusta,
mas que nunca vai embora.
Ela foi... E eu fiquei
Com memórias que não se apagam,
mesmo quando o tempo insiste em apagá-las.
Elas voltam na forma de vento,
na sombra que atravessa a janela,

no frio que visita o peito à noite.
Fico tentando costurar o vazio
com retalhos de lembranças,
como quem borda estrelas em um pano rasgado.
Mas o silêncio não se costura,
ele cresce, se espalha,
e ocupa cada canto do coração.
E eu amei
amei sabendo que o fim era certo,
mas torcendo para que o impossível
renascesse como o verde após o fogo.
amei na ausência,
no canto das aves,
na correnteza que seguia sem mim.
amei no silêncio da mata,
no sopro do vento que levava você para longe en-
fim
Fiquei com canções que não consigo ouvir, por-
que trazem de volta o peso leve
daquilo que nunca se cumpriu.
E cada nota é faca e abraço,

lembrança e ferida.

E, no entanto, não me arrependo.

Se amar foi condenação,
aceito minha sentença.

Porque, no fim,
foi no silêncio do não vivido
que descobri a verdade

Ela foi, e levou tudo.

Mas deixo aqui
esta última semente que planto
no quintal do fim,
esperando que floresça

Graziely Gomes Neves, com “Meu Jardim”.

A morte, como todos dizem,
É, de fato, ridícula.
Mas será que vale a pena
Continuar viva?
Há uma linha tênue entre
A guerra de estar vivo e
A paz de ter falecido, será que me equilíbrio ou
Deixo o vento me levar para seu
Grande abismo?
Na real, a verdade é que estou estagnada,
Pendurada por um membro ou um fato,
Tentando respirar de cabeça para baixo.
Eles dizem: “a vida não são só flores!”
Mas todo meu jardim é feito de cactos,
E a única flor tem espinhos compactos que
Iluminam minhas dores com
A alma, cores e sorrisos forçados,

Como um pequeno curativo em um grande arranhado.

A minha vida tem cheiro de concreto,

Como uma casa sem reboco ou teto

E sua cor exala dúvida, como o perdão depois da culpa.

Talvez se eu desatasse o nó que há em mim

Ou adicionasse à minha extensa lista,

Pesticida para o jardim, algum dia,

Tudo melhoraria.

Mas, de qualquer forma, já não importa

Pois não há ninguém para abrir a porta.

E mesmo que haja tal alma caridosa

Meu grito está contido, numa pequena

Caixa de vidro.

**POESIAS
DO ENSINO
MÉDIO**

PRIMEIRO LUGAR

Júlia Vieira Oliveira Amorins,
com “*Eu tenho raiva*”.

SEGUNDO LUGAR

Gabriel Andrade da Silva,
com “*Mundo Real*”.

TERCEIRO LUGAR

Denyel Nicolas dos Santos Rodrigues,
com “*Existência/Fragmentada*”.

QUARTO LUGAR

Sérgio Sama Oliveira Penteado,
com “*Sangra*”.

QUINTO LUGAR

João Bento Corrêa da Silva,
com “*Afrodinamicamente Modificado*”.

Júlia Vieira Oliveira Amorins, com “Eu tenho raiva”.

Se eu parar tudo o que estou fazendo

Uma hemoglobina qualquer lerá palavras que minha alma gravou nas paredes de minhas veias:

“Eu tenho raiva”

“Eu tenho raiva”

Sem pensar.

No maior vazio mental.

Não sentindo nada.

Não tendo qualquer sinal de emoção.

Nada me aconteceu.

Pelo menos não agora.

Mas não estou recordando nada.

Nesse momento.

A frase é um eco.

Preso na minha, na sua, moradia corporal.

Todos os órgãos já escutam.

O cérebro disse que não entende.

O coração acha que é verdade,

E meu rim só implora por água.

No começo achava que era alguma voz da minha cabeça tentando puxar algum assunto.

Sempre com a mesma frase: “Eu tenho raiva”,

Então não dava a mínima.

Mas comecei agora a pensar...

E se essa for a mais pura verdade de minha existência,

De minhas máscaras,

De minhas artérias?

E se for a coisa mais nua e crua que meu mindinho do pé pode falar? E se essa frase for mais “Eu” do que todo esse meu agir?

Um dia, de tanto essa frase se debater dentro de mim,

Quando minhas articulações se cansarem,

E minhas lágrimas enfurecidas começarem a cair,

Meu joelho desgastado de todos os golpes vai se quebrar.

E curvada ao chão vou vomitar.

E nesse vômito estará três palavras:

“Eu” “tenho” e “raiva”.

Depois eu vou me erguer,

Vou lavar minha boca.

E ficarei bem,

Finalmente bem.

Gabriel Andrade da Silva, com “Mundo Real”.

Sempre ouvimos que há chances,
Mas não se engane
pois, o caminho é árduo pra quem vem da fome.
Dizem que todos temos as mesmas chances,
Enquanto uns logo cedo assumem o peso do mundo,
Outros dormem
Rodeado de melhores confortos do
mundo.
Nesse indigente mundo,
sujo;
corrupto;
o que mais se falta,
é a tal da igualdade de classes.
Tem quem cedo levante,

alterna entre o estudo e o trabalho
Tem quem seguro durma,
sem sequer precisar batalhar pelo próprio futuro.
Tem quem lute pela vida
e foque nos estudos
Tem quem só se preocupa,
quando vai ser o fim do mundo.
Tem quem é ameaçado,
recebe insultos
e atura injúrias sobre sua pele
Tem quem discursa ódio,
desprezando as classes socialmente menores.
Tem quem reze por proteção e justiça
Tem quem ignora a oração e vive a vida movidas
por suas próprias cobiças.
A visão não é sobre as oportunidades,
mas sobre o caminho que cada um vive.

Denyel Nicolas dos Santos Rodrigues, com “Existência/ Fragmentada”.

Sou o que sou

E não serei, se não sou

Fui alguém, então sou

Sou o que sou, eu sou

Lágrimas derramadas como pétalas de uma flor
Aflições agudas me afligem com furor
Palpita, não vejo, mas sinto
Percebo algo, logo sou algo

Ruídos se propagam em palavras doces
Aprecio em pequenos deleites
Curvas subliminares batem na porta de minhas
narinas, com amores esquecidos

Tão próximo, tão distante, como um toque gentil,
que
se desfez com o tempo

O tempo é uma dádiva não merecida
Natural, como correntes de um mar
Mas envelheço, envelheço, assim como um galho
esquecido
Perdido estou, cansado estou,
Peregrinei, e vi, quão vasto eu sou...

Sérgio Sama Oliveira Penteado, com “Sangra”.

Sangra

Na garganta pressa presa

Todas essas mortes passaram despercebidas

O sangue jorra pelas veias de um jornal

Todas palavras guardadas num cartão postal

Elas despercebidas

Perdidas escritas bem longe do rio

Bem no meio do mar

O grafite se mancha se murcha com papel

Todas vozes despercebidas

Algumas esquecidas que esqueci de esquecer

Guardar para não perder

Senti e tentei falar o que estava mais caro e chato
ainda

A lama foge pelos furos pelas varizes dos meus
muros

Deixa sangrar o que não dá mais para controlar

Deixa-sangrar

João Bento Corrêa da Silva, com “Afrodinamicamente Mo- dificado”.

Às vezes eu acho que nem devia estar aqui, por-
que tudo que sou parece errado.

Minha cor, meu nome, meu jeito de existir — é
como se eu fosse um crime mal arquivado. Minha
alma vive entre bala e benção,

mas ninguém entende esse fogo calado.

Eu sorrio, mas só os santos sabem

o tanto de choro que eu tenho guardado.

Minhas neuroses não têm cura, têm rima.

É meu jeito torto de não me matar.

Cada verso que eu cuspo é alma ferida,

é fé enforcada tentando respirar.

Só os guias sabem do peso que eu carrego, do
medo que eu calo, do grito que eu nego. Afrodinami-
camente modificado —

sou vento negro que não se deixa parar.

Não pertenço nem ao chão nem ao céu,

sou nó na garganta do mundo.

Me disseram que ser preto é ser forte,

mas nunca falaram do luto profundo.

Sou espiritual gangster, armado de passado, com
corpo de guerra e mente em pedaço.

Eu ando inteiro, mas vivo quebrado —

e isso ninguém vê,

só quem carrega o mesmo cansaço.

**HQ
DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

PRIMEIRO LUGAR

Justine Loubet de Barros,
com “*Boi bombeiro*”.

SEGUNDO LUGAR

João Carlos dos Santos Carvalho,
com “*Raoni do Pantanal*”.

TERCEIRO LUGAR

Ana Júlia de Oliveira Silva,
com “*Setembro Amarelo*”.

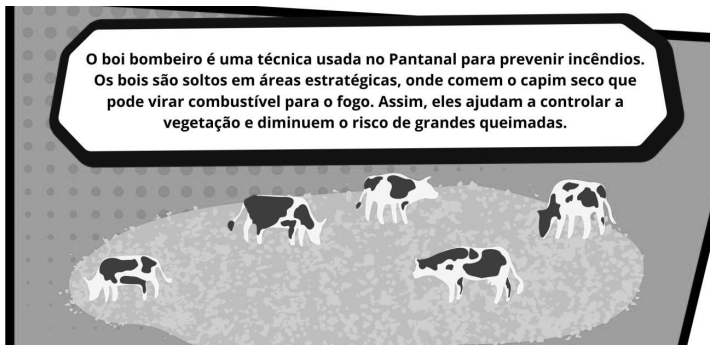
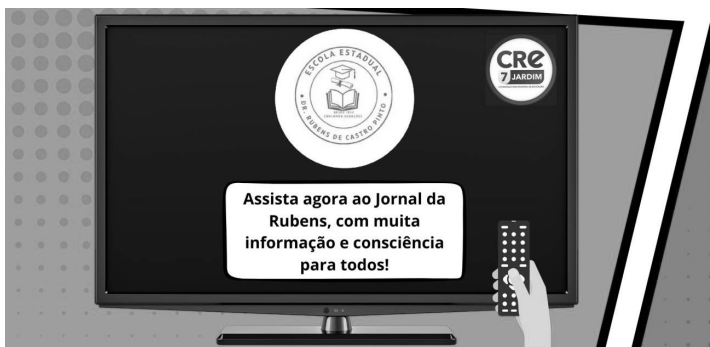
QUARTO LUGAR

Felipe Douglas Silveiro Ernesto
com “*Osaka, o caminho trilhado*”.

QUINTO LUGAR

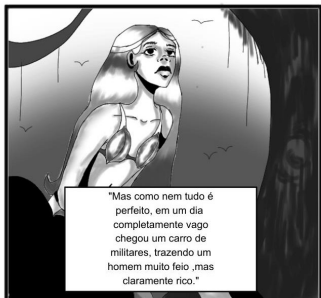
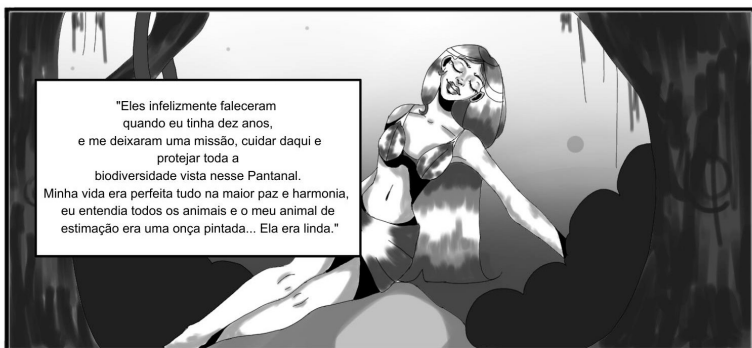
Andreina Marques Aciole,
com “*Os Heróis do Fogo*”.

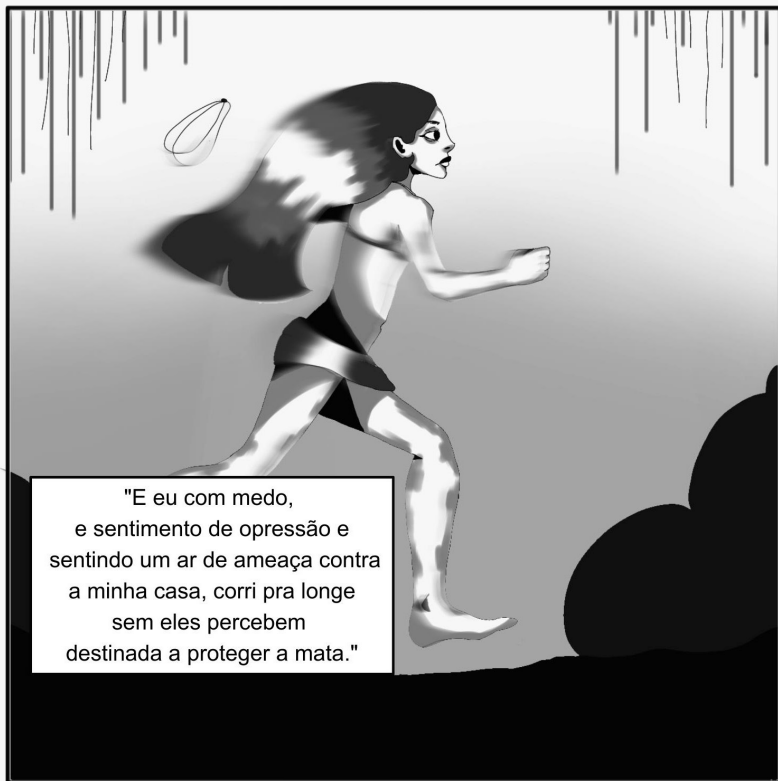
Justine Loubet de Barros, com “Boi bombeiro”.





João Carlos dos Santos Carvalho, com “Raoni do Pantanal”.

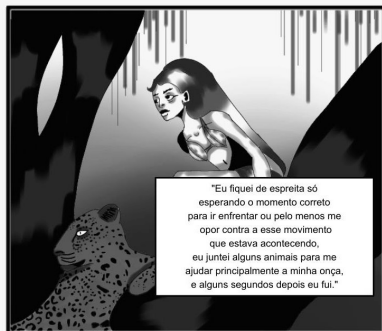




"E eu com medo, e sentimento de opressão e sentindo um ar de ameaça contra a minha casa, corri pra longe sem eles perceberem destinada a proteger a mata."



"Eu fui pra minha barraca, e com um sentimento de coragem juntei todas as minhas armas, mesmo sentindo um vazio em minha mente com um pensamento extremamente negativo pensando que tudo vai ser destruído, eu juntei as minhas forças e armas pra tentar proteger o lugar na onde eu cresci a minha vida inteira."



"Eu fiquei de espreita só esperando o momento correto para ir enfrentar ou pelo menos me opor contra a esse movimento que estava acontecendo, eu juntei alguns animais para me ajudar principalmente a minha onça, e alguns segundos depois eu fui."

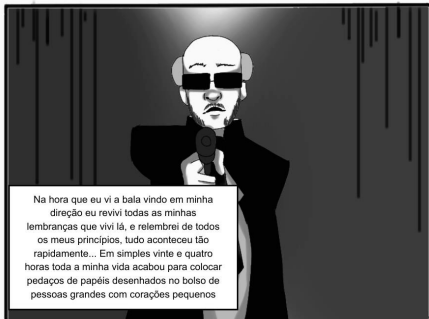


El!! Você não pode fazer isso com a minha casa seu louco, isso é o meu lar você não tem direito nenhum

Hahaha, eu posso sim esse lugar aqui é meu eu vou transformar tudo isso em uma cidade, dinheiro pra mim e você não pode me impedir, se for preciso eu te joga em outro plano



Naquele momento eu vi ele erguendo uma arma para mim como se eu fosse um bicho, a única coisa que eu queria era proteger o meu lar, mas não tinha como eu salvar uma coisa que só eu tentava preservar...



Na hora que eu vi a bala vindo em minha direção eu revivi todas as minhas lembranças que vivi lá, e relembrei de todos os meus princípios, tudo aconteceu tão rapidamente... Em simples vinte e quatro horas toda a minha vida acabou para colocar pedaços de papéis desenhados no bolso de pessoas grandes com corações pequenos

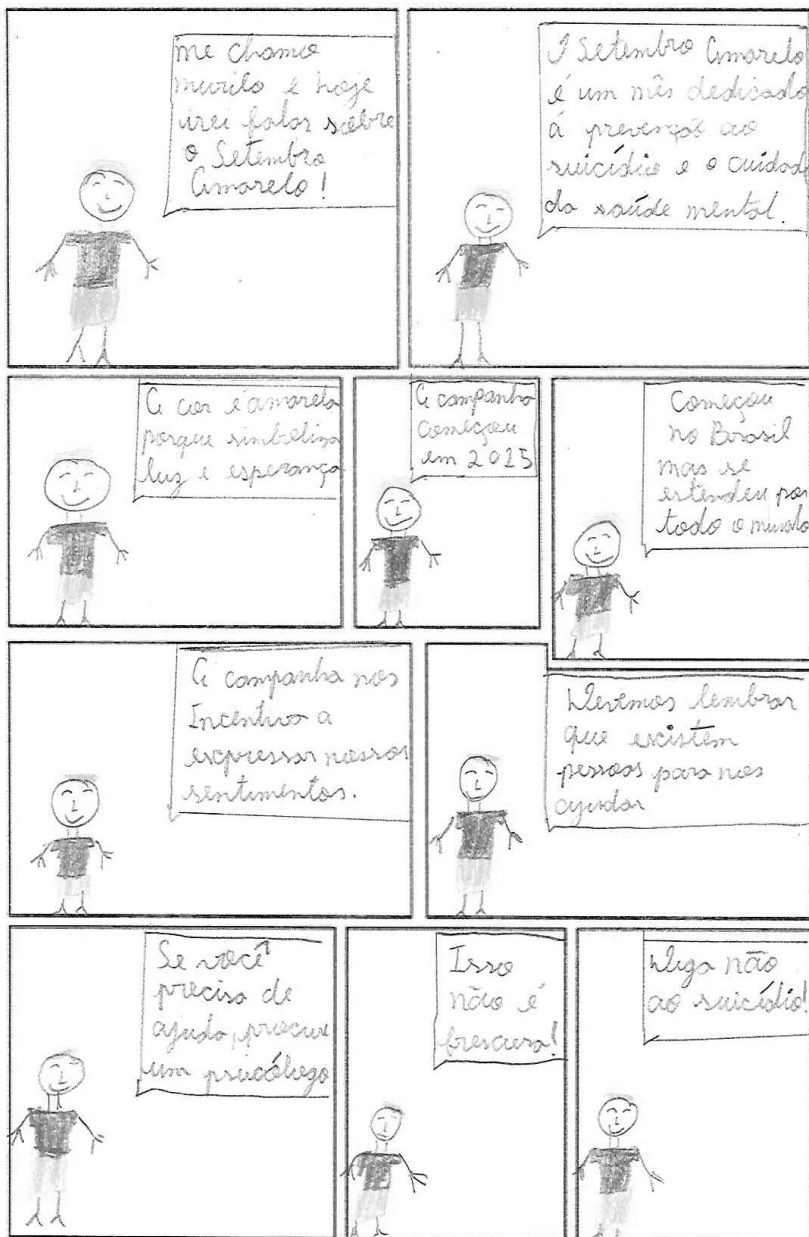


Eu vi a minha vida saindo de pouco em pouco eu vi a minha alma saindo, vi a minha casa sendo queimada e simplesmente não cumpri a minha missão, il eu estou narrando e contando essa história para vocês de outro plano, e eu espero que um dia todos percebam que tudo deve ser preservado e não simplesmente tudo ser visto como fabrica de dinheiro, tudo que eu vivi foi maior do que o dinheiro, eu vivi de fato o amor e paz.



Podem enterrar ela! E depois, podem começar a realizar a contigão, eu não vejo a hora de ter mais investimentos no meu bolso.

**Ana Júlia de Oliveira Silva,
com “Setembro Amarelo”.**



**Felipe Douglas Silveiro
Ernesto, com “Osaka, o
caminho trilhado”.**

239

Tentativas...

Até a...

Conquista?

Insista!!!

Título: Osaka, o caminho trilhado

Cada pessoa é seu próprio mundo. Algumas vazias e outras cheias demais, mas cada qual com sua beleza.

Viver é dançar. Cada um tem seu ritmo, seu próprio passo, sua melodia.

Como o voo de uma garça branca.

Que no imenso céu azul, ao longe, parece só um pingo de tinta que aos poucos ganha forma.

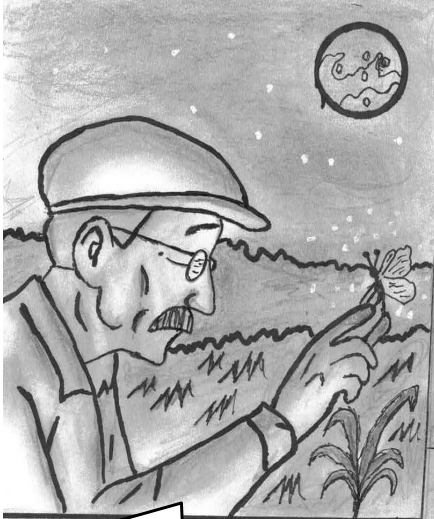




Trazendo com
ela seus próprios
encantamentos, o
cantar do grilo...

O soar da
coruja, o
brilho do vagalume

O coaxar do
sapocururu...



Mas na imensa escuridão do luar, no silêncio
que vaga pela madrugada...

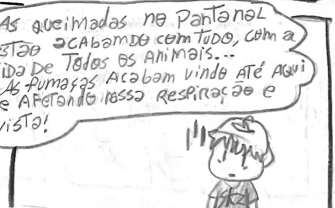


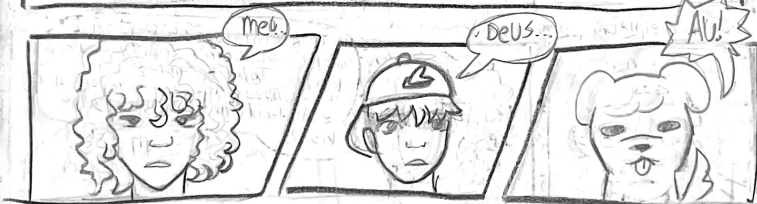
A noite é o pior inimigo daquele que pensa
demais.

**Andreina Marques Aciole, com
“Os Heróis do Fogo”.**

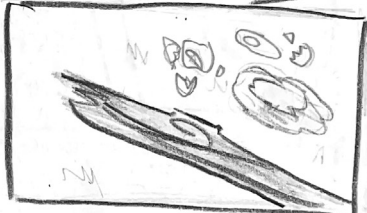
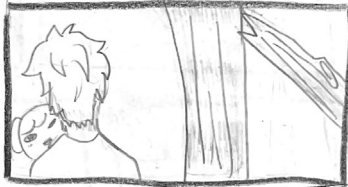
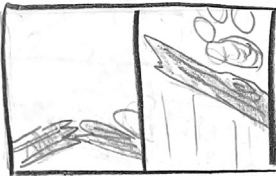


LUCA ↘

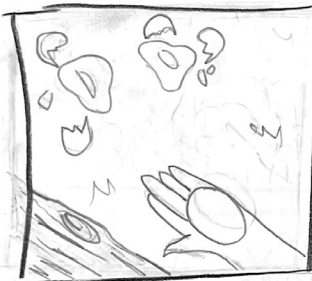








5



**HQ
DO ENSINO
MÉDIO**

PRIMEIRO LUGAR

Rafaeli Santana Amorim,
com “*Como um ser humano*”.

SEGUNDO LUGAR

Isabelly Santos Ferreira,
com “*A conquista corações*”.

TERCEIRO LUGAR

Luiz Antônio Bezerra,
com “*Cambará*”.

QUARTO LUGAR

Ana Beatriz Duarte dos Santos,
com “*Insônia*”.

QUINTO LUGAR

Julia Letícia Amorim Muniz,
com “*Entre sapos e mistérios*”.

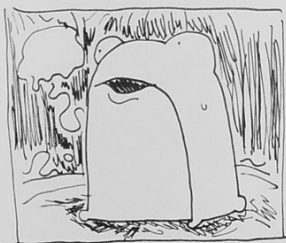
**Rafaeli Santana Amorim, com
“Como um ser humano”.**



Como um SER
I-IUMANO

Busco saber de todos os assuntos.

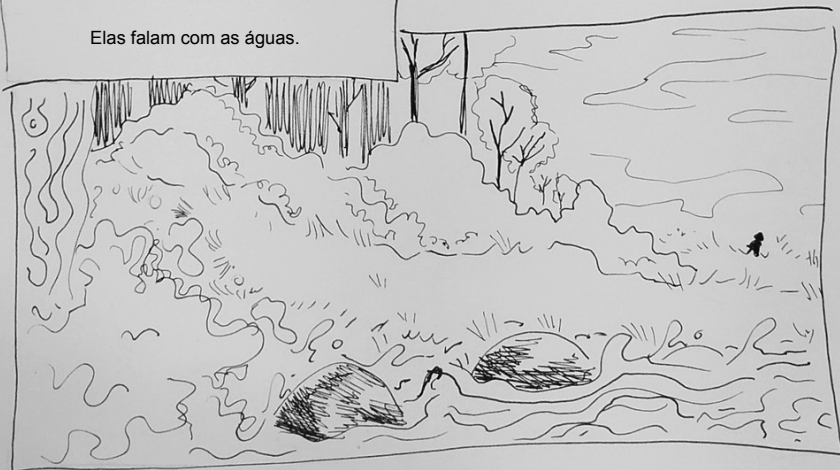
Sei que as rãs falam,
mas não sei de que.



E quando eu chego perto, elas
desviam os olhos.

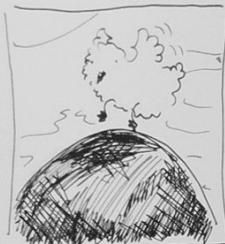


Elas falam com as águas.



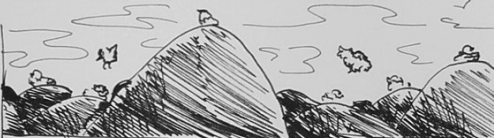


As pedras são tímidas.



Menos com os pássaros

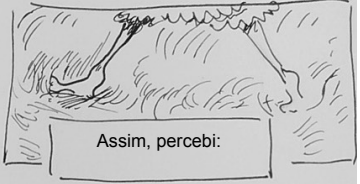
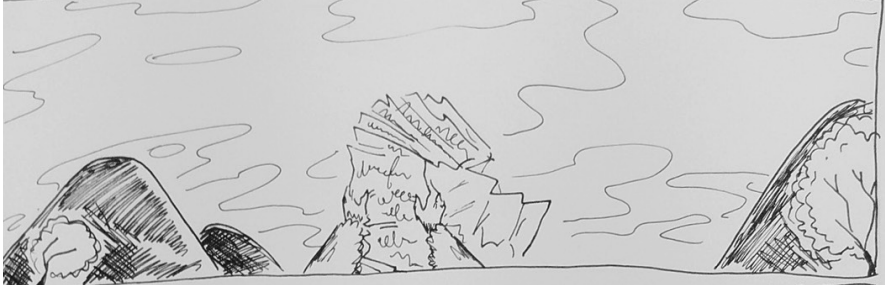
Falam o dia inteiro de assuntos que eu não consigo ouvir.



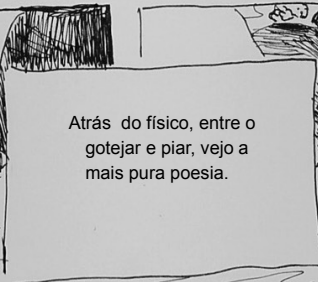
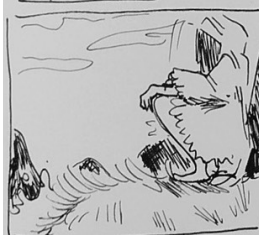
Assim,

Falho como ser humano ao não alcançar minha ambição.

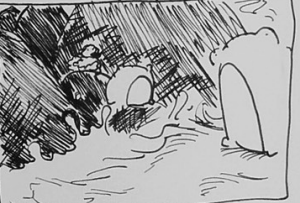




Assim, percebi:

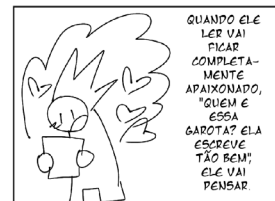
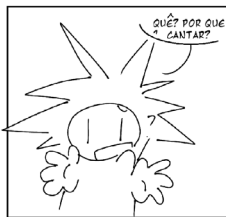


Atrás do físico, entre o gotejar e piar, vejo a mais pura poesia.



E de mim, a vontade de as relatar.

**Isabelly Santos Ferreira, com
“A conquista corações”.**



A CONQUISTA CORAÇÕES

POR: ISABELLY SANTOS



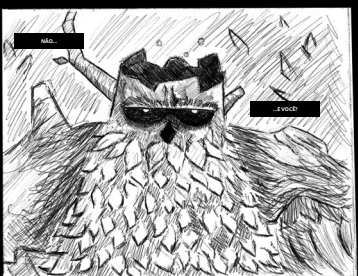
PERSONAGEM

FIM

**Luiz Antônio Bezerra,
com “Cambará”.**

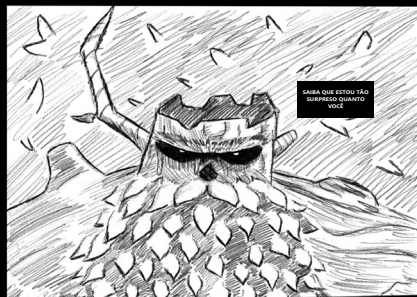


gera_comics ©





ENTÃO BU BONO-TAI!
ESTRABANDO, NENHUM VI
A VOREZ QUE FALA



SABIA QUE ESTOS SÃO
SURPREZO QUANTO
VOCÊ



SE NEMCA VI
HUMANO QUE PENSA



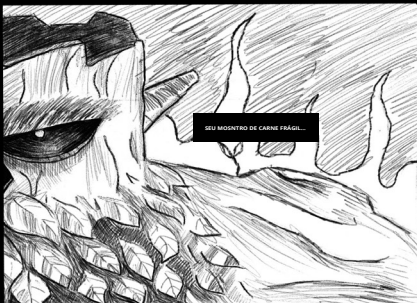
TEU ME CORTAR E
TERMINAR O SERVIÇO?



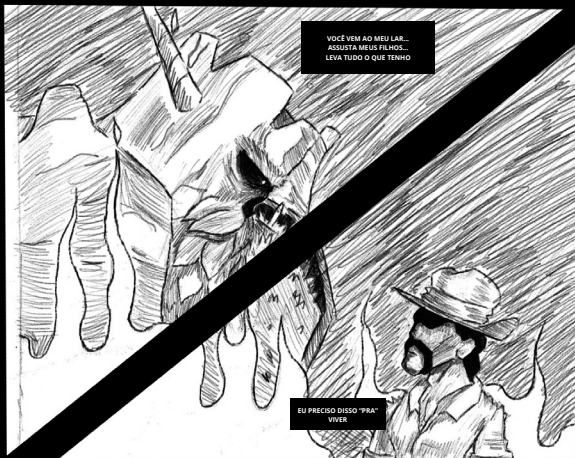
E BOM IMPORTAN
"OIT" SAU NOME
DE TODO BISTO?



SEU MONSTRO DE MADEIRA SECA!



SEU MONSTRO DE CARNE FRÁGIL...



VOCÊ VEM AO MEU LAR...
ASSUSTA MEUS FILHOS...
LEVA TUDO O QUE TENHO

EU PRECISO DISSO "PRA"
VIVER



NÓS TAMBÉM.

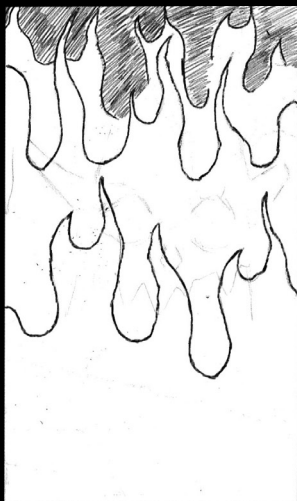


SABE...



NO FIM DAS CONTAS VOCÊ É IGUAL A
TODOS OS OUTROS DA SUA ESPÉCIE.
PODE TER CERTEZA QUE A GANÂNCIA
QUE MOVE OS HOMENS É MAIS
ENRAIZADA DO QUE OS PÉS DESSA
VELHA ARVORE.
VOCÊS LEVAM PARTES DE MIM, DO QUE
EU SOU, PARA ERGUEREM OS SEUS
GRANDES TRONOS DE MADEIRA.

MAS LEMBRE-SE QUE POR SER PARTE DE
MIM, ASSIM COMO EU, OS SEUS
TRONOS UM DIA AFODRECEM...

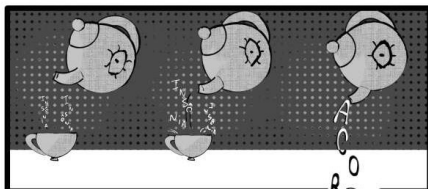
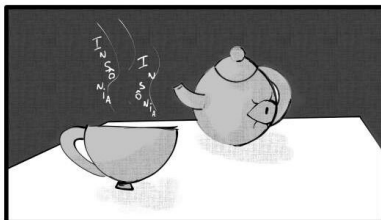


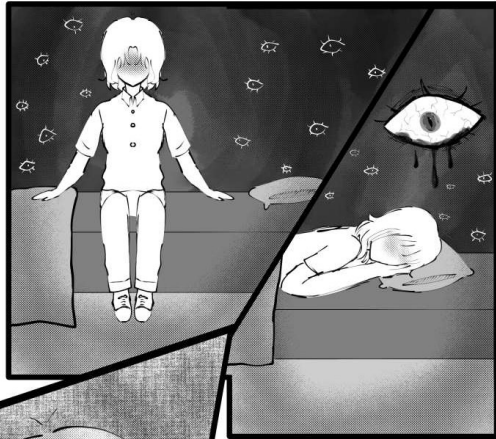
...E ENTÃO, VOCÊS CAEM.

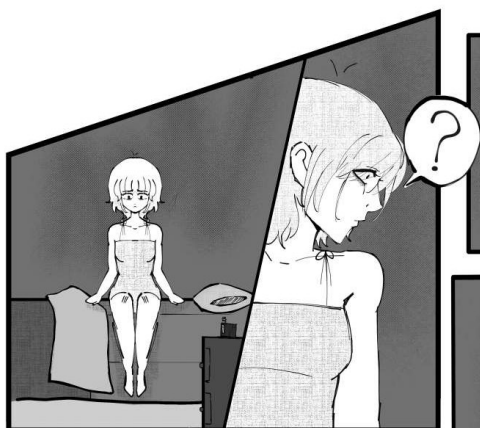


**Ana Beatriz Duarte dos
Santos, com “Insônia”.**

INSÔNIA

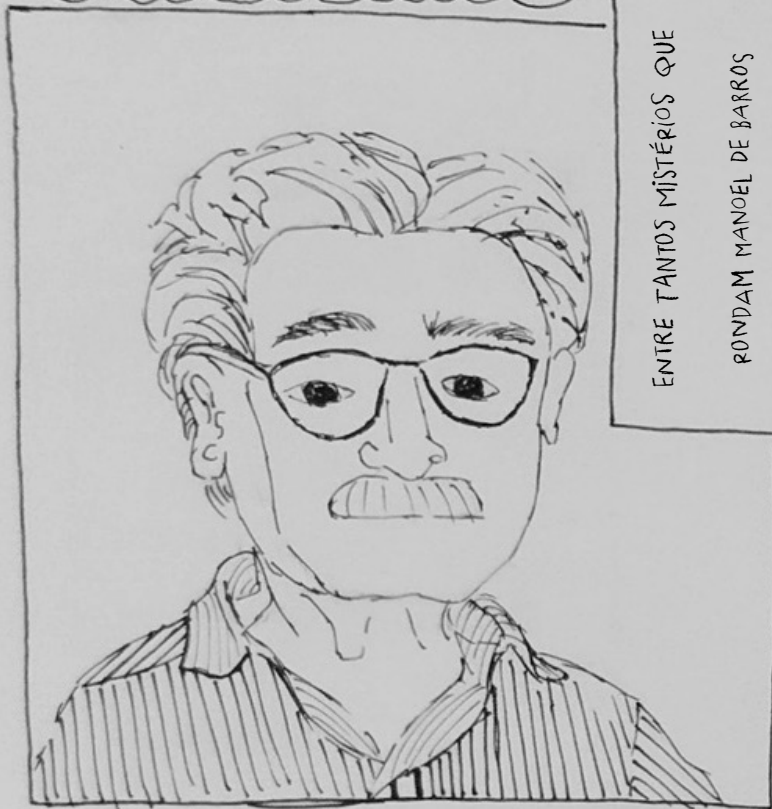






**Julia Letícia Amorim Muniz,
com “Entre sapos e
mistérios”.**

ENTRE SAPOS MISTÉRIOS



ENTRE TANTOS MISTÉRIOS QUE

RONDAM MANOEL DE BARROS

DE CONVERSAR COM SAPOS



A TRANSFORMAR
SILENCIOSO
EM POESIA





RESTOU AINDA O
ENIGMA MAIOR:
ONDE ESTÁ SEU PÉ?

Ficha Técnica do Livro

Coordenação Editorial

Bianca Resende & Febraro de Oliveira

Organização e Direção

Pedro Ortale e Belchior Cabral

Projeto Gráfico e Diagramação

Febraro de Oliveira

Preparação e Revisão

Bianca Resende

Identidade Visual

Eduardo Azevedo

Ficha Técnica da Bienal

Direção-Geral

Pedro Ortale, Carlos Porto

Coordenação

Belchior Cabral, Gustavo Cegonha, Soraia Salle

Curadoria

Maria Adélia Menegazzo, Sylvania Cesco, Raquel Anderson

Comissão de Seleção do Concurso para Estudantes

Sylvania Cesco, Raquel Anderson, Bianca de Resende

Comissão de Seleção do Prêmio Tuiuiú de

Literatura de Mato Grosso do Sul

Sylvania Cesco, Raquel Anderson, Febraro de Oliveira

Produção

Bárbara Aires Viana, Vinícius Domingues, Febraro de Oliveira, Alessandra Braga, Juliana Almeida, Bianca de Resende, Franciella de Andrade Cavalheri, Arakan Constantino, Andréa Freire, Alessandra Coelho, Giovanna Victory

Assistentes de Produção

Ana Triches, Eva Pólvora, Letícia Polidório, Sophia Goulart, Maura Menezes, Douglas Luiz, Victor Hugo Machado Viana, Paulo Augusto Fernandes, Gabriel Biell, Clara Costa

Receptivo

Otiniel Rodrigues Silva, Maiza Ferreira de Arruda

Cenografia

Ricardo Oliveira Alcarpe, Buga Peralta, Fábio da Silva Soares, Ricardo Donato Ferreira, Kelvin Milton Alves Camargo, Ricardo Alexandre Miguel, Almir Rogério Souza, Eloísio dos Santos Soares, Sinval Ferreira dos Santos, Luiz Gustavo de Souza Barbosa, Silvan Alcântara dos Santos

Comercialização e Assessoria para a Feira de Livros

Roberio Paulo da Silva, Thiago Gomes Lourenço, Dilson José Curvelo dos Santos

Designer

Luís Fernando Ricardi

Desenvolvimento de Peças da Comunicação

Mauro Sergio Forasteiro, Sandro Carvalho

Assessoria Jurídica

**André Brayner
Vinicius de Moraes Mendes**

Assessoria de Imprensa

Jornalista Rodrigo Teixeira

Gestão de Redes Sociais

Jornalista Flávia Freire

Assessoria de Comunicação

Mauro Sergio Forasteiro, Joelma Moreira, Chistiane Yanaguita, Nilsão Rodrigues, Sandro Carvalho

Libras

Christiane Condi, Cláudio Vasques, Lucinéia Souza, Jessé Macedo, Karen Martins

Clipping

Vanessa Pavan

Fotografia

Dafne Alana, Rogério de Medeiros

Apresentadoras

Beatrice de Carvalho Sayd, Gleycielli Nonato Guató, Marta Cell, Andréa Freire, Sophia Goulart

Motoristas

Sebastião Amorim, Ari Rodrigues Silva, Valfran José Leite, Otinel Rodrigues Silva

Projeto Prevenção de Incêndio
**Tais Tracz – Projeto Arquitetônico: Selma Maria Rodrigues, Leandro
Ramos Nunes Curci, André Zamberlan Bellé**

Auditoria Independente
Claudia da Silva Oliveira

Gestão de Resíduos - Educação Ambiental e Economia Circular
Ana Cristina Franzoso, Beatriz Duran

Instituto Imólé
Presidente: Bárbara Aires Viana
Diretor de Administração: Carlos Adalberto Pereira Porto

Instituto Curumins
Presidente: Anamaria Santana da Silva
Vice-Presidente: Conceição Leite
Secretário: Dilson de Souza da Silva
Diretora de Administração: Alessandra Escobar Freire Braga

Tipografias
Space Grotesk & Silva Text

Papel
Polén Bold
90g

Impressão
Abril de 2026,
pela Amanda, da Ideograf.



Lei Rouanet
Fundo Nacional
da Cultura



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



Patrocínio



Assessoria



Apoio



Sistema Comércio

Correalização



Secretaria de Estado
de Turismo, Esporte
e Cultura



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

